



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**ENSINO E APRENDIZAGEM DO ATLETISMO EM ESCOLAS PARTICIPANTES
DOS JOGOS ESCOLARES DO ESTADO DO MARANHÃO**

BRUNA SILVA COSTA

**SÃO LUÍS – MA
2026**

BRUNA SILVA COSTA

**ENSINO E APRENDIZAGEM DO ATLETISMO EM ESCOLAS PARTICIPANTES
DOS JOGOS ESCOLARES DO ESTADO DO MARANHÃO**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Educação Física da
Universidade Federal do Maranhão,
como requisito parcial, para obtenção do
grau de licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Alex Fabiano Santos
Bezerra.

SÃO LUÍS – MA
2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo (a) autor(a).

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Costa, Bruna Silva.

ENSINO E APRENDIZAGEM DO ATLETISMO EM ESCOLAS
PARTICIPANTES DOS JOGOS ESCOLARES DO ESTADO DO MARANHÃO /
Bruna Silva Costa. - 2026.

71 p.

Orientador (a): Alex Fabiano Santos Bezerra.

Monografia (Graduação) - Curso de Educação Física -
Licenciatura, Universidade Federal do Maranhão, São
Luís, 2026.

1. Educação Física Escolar. 2. Atletismo. 3. Jogos
Escolares Maranhenses. I. Bezerra, Alex Fabiano Santos.
II. Título.

BRUNA SILVA COSTA

**ENSINO E APRENDIZAGEM DO ATLETISMO EM ESCOLAS
PARTICIPANTES DOS JOGOS ESCOLARES DO ESTADO DO MARANHÃO**

A banca examinadora da defesa de trabalho de conclusão de curso
apresentada em sessão pública, considerou o candidato aprovado em:

___/___/___.

..

Prof. Dr. Alex Fabiano Santos Bezerra (Orientador)

Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Juciléa Neres Ferreira

Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dr. Mayrhon José Abrantes Muniz

Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Claudio Tarso de Jesus Santos Nascimento

Universidade Federal do Maranhão

Prof. Carlos Marcene da Silva Fonseca (Externo -Edital Proen 329/2024)

Universidade Federal do Maranhão

“O esporte tem o poder de mudar o mundo. Tem o poder de inspirar. Tem o poder de unir as pessoas como poucas outras coisas. ”

(Nelson Mandela)

Dedico este trabalho á minha família, em especial meus pais, que foram o meu porto seguro e incentivadores de toda caminhada.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta Monografia representa não apenas o encerramento de um ciclo acadêmico, mas a vitória de uma trajetória construída com dedicação, superação e o apoio fundamental de pessoas extraordinárias.

Agradeço, primeiramente, a minha família, pela base sólida, pelo amor incondicional e por ser o porto seguro nos momentos de incerteza. A presença e o incentivo de vocês foram a força motora que me permitiu chegar até aqui.

Ao meu namorado, Emerson Felipe, expresso minha gratidão mais profunda. Sua paciência, suas palavras nos momentos mais cansados e sua presença constante foram essenciais para que eu mantivesse a firmeza e o foco nesta jornada. Obrigado por caminhar ao meu lado e celebrar cada pequena conquista.

À minha professora de curso e também técnica de Atletismo da UFMA, Jucilea Neres, dedico um agradecimento imensamente especial. Muito além dos ensinamentos técnicos e do rigor acadêmico e esportivo, sua acolhida maternal, sua generosidade e seu cuidado diário foram fundamentais na minha formação. Mais que uma mestra, você foi uma verdadeira mãe na pista e na vida, e sua presença nesta caminhada deixa marcas inestimáveis de carinho e inspiração.

Ao meu orientador, Alex Fabiano, manifesto minha profunda gratidão. Sua paciência, generosidade intelectual e condução precisa transformaram desafios em aprendizado constante. Seu exemplo de profissionalismo continuará sendo uma referência para minha atuação.

Aos demais professores do curso, que ao longo destes anos compartilharam não apenas teorias e metodologias, mas também a paixão pela busca do saber, expresso o meu reconhecimento pelo papel decisivo ao meu crescimento pessoal e profissional.

Aos meus amigos de caminhada, em especial Emilly Karine, Kayo Guilherme, Tiago Coelho, Filipe Ribeiro, Vitor Eduardo, e todos da minha turma “Athena”. Uma turma que apesar de ter sido criada na pandemia e não conseguimos crescer juntos na caminhada devido ao mundo virtual, ao decorrer do curso fomos nos fortificando transformando a batalha acadêmica em uma convivência leve e corajoso.

Por fim, agradeço a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho. A cada um de vocês, o meu mais sincero muito obrigada.

RESUMO

O atletismo é historicamente reconhecido como esporte-base da Educação Física, contudo, sua abordagem pedagógica no cotidiano escolar enfrenta barreiras que vão desde a cultura da esportivização seletiva até a precariedade estrutural. Este estudo teve como objetivo analisar o processo de ensino-aprendizagem do atletismo em escolas participantes dos Jogos Escolares Maranhenses (JEMs). Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa e delineamento descritivo. A amostra foi constituída por 24 professores de Educação Física atuantes em 14 municípios do estado do Maranhão. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se uma entrevista semiestruturada aplicada de forma remota via Google Forms. Os resultados revelaram que o perfil dos profissionais investigados é altamente qualificado, com mediana de idade de 44,5 anos e 87,5% com pós-graduação. No que tange à introdução da modalidade, constatou-se que 50% dos docentes a inserem regularmente como conteúdo curricular obrigatório, enquanto 20,8% admitem uma abordagem centrada em seletivas competitivas de curto prazo. O diagnóstico de infraestrutura revelou um panorama crítico: 62,5% das instituições de ensino não dispõem de qualquer material oficial para a prática. Diante do descompasso estatal, 83,3% dos professores recorrem à confecção de materiais alternativos com recursos recicláveis e realizam a ressignificação de espaços ociosos (pátios, quintais e vias públicas) para viabilizar os treinos. Conclui-se que o atletismo no cenário escolar maranhense se consolida por meio da agência e da superação didática dos professores, sobretudo do interior do estado, necessitando de políticas públicas contínuas que descentralizem os recursos e superem a sazonalidade competitiva dos jogos escolares.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Atletismo; Jogos Escolares Maranhenses.

ABSTRACT

Athletics is historically recognized as a foundational sport in physical education; however, its pedagogical approach in daily school life faces barriers ranging from a culture of selective sport-orientation to structural inadequacies. This study aimed to analyze the teaching-learning process of athletics in schools participating in the Maranhão school games (JEMS). Methodologically, the research is qualitative in nature and descriptive in design. The sample consisted of 24 physical education teachers working in 14 municipalities in the state of Maranhão. Data collection was conducted via a semi-structured interview administered remotely using Google Forms. The results revealed a highly qualified professional profile, with a median age of 44.5 years and 87.5% holding postgraduate degrees. Regarding the introduction of the sport, it was found that 50% of teachers regularly include it as mandatory curriculum content, while 20.8% acknowledge an approach centered on short-term competitive selection trials. The infrastructure assessment revealed a critical situation: 62.5% of educational institutions lack any official equipment for the sport. Faced with this lack of state support, 83.3% of teachers resort to creating alternative equipment from recyclable materials and repurposing underutilized spaces (courtyards, backyards, and public streets) to make training possible. The study concludes that athletics in the Maranhão school context is sustained through the agency and pedagogical ingenuity of teachers—especially those in the state's interior—highlighting the need for continuous public policies that decentralize resources and move beyond the seasonal nature of school competitions.

Keywords: School physical education; Athletics; Maranhão school games.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

JEMS – Jogos Escolares Maranhenses

CBDE – Confederação Brasileira do Desporto Escolar

COB – Cômite Olímpico do Brasil

FAMA – Federação Atlética Maranhense

JELS – Jogos Escolares Ludovicenses

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

JEBS – Jogos Escolares Brasileiros

JUBS – Jogos Universitários Brasileiros

PNE - Política Nacional do Esporte

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PPP - Projeto Político-Pedagógico

COI – Comité Olímpico Internacional

CBAT - Confederação Brasileira de Atletismo

SEMDEL - Secretaria Municipal de Desportos e Lazer

SEDEL - Secretaria de Estado do Esporte e Lazer

PARAJEMS - Jogos Paralímpicos Escolares Maranhense

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

IQR – Intervalo Interquartil

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico, formativo e profissional dos professores de Educação Física investigados (n=24)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Infraestrutura e materiais didáticos para o ensino do atletismo na escola

Figura 2: Relação da modalidade atletismo com as aulas regulares de Educação Física.

Figura 3: Receptividade e interesse dos alunos com o conteúdo do atletismo nas aulas de Educação Física e métodos de ensino do atletismo nas aulas de Educação Física

Figura 4: Estratégias utilizadas durante o ensino do atletismo.

Figura 5: Significância do JEMs para professores da educação básica

Figura 6: Procedimentos utilizados para seleção de alunos para o JEMs

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1 FUNDAMENTOS DO ESPORTE EDUCAÇÃO	17
2.2 PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DO MOVIMENTO	19
2.3 MODELO DO MINIATLETISMO E OS PRINCÍPIOS DA APRENDIZAGEM	20
2.4 JOGOS ESCOLARES E POLÍTICAS PÚBLICAS DO ESPORTE NO BRASIL	24
2.5 PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DO ATLETISMO	25
2.6 ATLETISMO EM COMPETIÇÕES ESCOLARES NO MARANHÃO	28
3. METODOLOGIA	30
3.1 CENÁRIO DO ESTUDO	30
3.2 TIPO DE ESTUDO.....	31
3.3 SUJEITOS DO ESTUDO	31
3.4 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	32
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	33
4.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E CONTEXTO INICIAL	33
4.2 INFRAESTRUTURA, MATERIAIS E ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO	35
4.3: PRÁTICA PEDAGÓGICA, MÉTODOS DE ENSINO E INCLUSÃO.....	42
4.4: A DUALIDADE ESCOLA-RENDIMENTO, A SELEÇÃO E O JEMS.....	45
5. CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS.....	58
Apêndice 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	63
Apêndice 2: Roteiro de Entrevista endereçada aos informantes do estudo 	66

1. INTRODUÇÃO

A Educação Física Escolar tem como objetivo promover o desenvolvimento integral dos alunos por meio de práticas corporais que valorizem não apenas o desempenho físico, mas também aspectos sociais, culturais e educacionais. Nesse contexto, o esporte é um dos conteúdos mais presentes nas aulas, sendo o atletismo uma das modalidades clássicas trabalhadas no ambiente escolar.

A prática esportiva pode ser considerada como um elemento educacional para crianças e adolescentes que transmite valores em sua formação. Quando esta prática se faz presente dentro das instituições de ensino, favorecendo a inclusão social, a oportunidade e o conhecimento por meio do convívio coletivo, pode ser denominada Esporte Educacional. Porém, a prática esportiva escolar pautada na especialização precoce muitas vezes negligencia o desenvolvimento integral.

Desta forma, faz-se necessária uma abordagem que dialogue com a Sociologia do Esporte, campo de estudo que analisa as práticas corporais além de sua natureza competitiva, que priorizam a inclusão, a participação e a formação crítica dos alunos. No contexto escolar, essa abordagem questiona a reprodução do modelo de alto rendimento nas aulas de Educação Física defendendo que o ensino deve ser inclusivo e contribuinte para a formação integral de crianças e adolescentes.

Entretanto, conforme discutido pela Sociologia do Esporte, o esporte na escola muitas vezes é desenvolvido a partir de uma lógica semelhante à do esporte de rendimento, marcada pela seleção dos mais aptos, busca por resultados, recordes e vitória.

Os jogos escolares, por sua vez, reforçam essa discussão, pois representam um espaço em que o esporte pode assumir tanto um caráter educativo quanto competitivo.

O atletismo é uma das modalidades mais antigas no esporte e também considerada "esporte-base" pois tem em suas práticas os movimentos básicos do ser humano: correr, saltar e lançar. (MATTHIESEN, 2005). Ele é composto

por provas agrupadas em corridas (provas de velocidade pura, meio-fundo, fundo, obstáculos e revezamentos por equipes); os saltos (horizontais e verticais), os lançamentos e arremessos (arremesso de peso, dardo, disco e martelo); e as provas combinadas (decatlo e heptatlo) e a marcha atlética.

O aluno que participa dos jogos escolares é aquele tipo de estudante que vive na correria, mas é super focado. Ele aprende logo cedo a equilibrar o tempo entre as matérias da escola e os treinos, o que traz para ele muita responsabilidade e disciplina no dia a dia. Participar desses campeonatos vai muito além de só querer ganhar uma medalha; na verdade, na quadra ou na pista, o aluno aprende a trabalhar em grupo, a respeitar os colegas e as regras, e a lidar tanto com a alegria de ganhar quanto com a frustração de perder (KUNZ, 2014). No fim das contas, fazer parte do time faz o estudante vestir a camisa do colégio de verdade, criando amizades, ganhando confiança e virando um jovem muito mais maduro e preparado para a vida dentro e fora da escola (SOUZA, 2019).

A partir das discussões acima, chega-se a seguinte questão norteadora: Como professores de Educação Física desenvolvem o ensino do atletismo no Jogos Escolares Maranhenses e qual a relação desse processo com as diretrizes do esporte educacional?

Objetivo Geral: analisar o processo de ensino-aprendizagem do atletismo em escolas de ensino fundamental do Estado do Maranhão participantes dos Jogos Escolares Maranhenses. Os objetivos específicos foram: identificar o processo de implantação de ensino do atletismo; analisar as práticas docentes que favorecem e desfavorecem a participação e a inclusão dos alunos no processo de aprendizagem; compreender como os professores organizam o processo de ensino-aprendizagem do atletismo nas aulas e nos jogos escolares

Nesse sentido, torna-se relevante investigar de que maneira o atletismo tem sido trabalhado nesse contexto e quais concepções orientam a prática dos professores. Diante disso, o presente estudo busca compreender o contexto que envolve o trabalho docente dos professores de Educação Física que desenvolvem o ensino do atletismo nas escolas e que se envolvem com os jogos escolares, refletindo sobre a possível reprodução da lógica do esporte de rendimento e suas implicações para o ambiente educacional.

Esta pesquisa tem como justificativa a necessidade de compreender como os professores de Educação Física, participantes dos Jogos Escolares Maranhenses (JEMs) na modalidade atletismo, ensinam o esporte escolar perante a um objetivo competitivo.

Além disso, a investigação ganha relevância ao olhar de perto para a realidade das escolas participantes do estado, destacando o impacto direto que o atletismo causa nas instituições de ensino localizadas no interior do Maranhão. Para muitas dessas escolas rurais ou de pequenos municípios, as modalidades coletivas tradicionais (como futsal, handebol ou voleibol) tornam-se inviáveis devido a sérias barreiras financeiras e logísticas, que vão desde a dificuldade de reunir e treinar equipes com muitos alunos até o alto custo de transporte, alimentação e hospedagem.

Nesse contexto, o atletismo surge como uma alternativa estratégica e democrática, pois, por se estruturar majoritariamente em provas individuais, permite que o município envie delegações menores com custo reduzido, garantindo que os estudantes do interior também tenham o direito de vivenciar o maior evento estudantil do estado.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diante de tudo o que foi exposto, dá para perceber que os assuntos discutidos nesta fundamentação teórica criam uma linha de raciocínio bem clara, ligando a teoria à realidade das quadras e pistas. No começo, o texto abordou o surgimento do esporte educacional e as suas diferentes manifestações, abrindo espaço para detalhar os quatro pilares pedagógicos contemporâneos (inclusão, diversidade, complexidade e adequação), que ganham vida na escola através do Miniatletismo e da escolha entre os métodos global e parcial.

Logo depois, a pesquisa analisou o cenário das políticas públicas e o papel que órgãos como a CBDE e o COB exercem no país, trazendo o foco em seguida para a história do atletismo nas escolas brasileiras e para a estrutura de torneios que temos hoje no Maranhão por meio da FAMA, dos JELs e dos JEMs. Agora que já entendemos toda essa base teórica sobre o esporte e o seu papel

educativo, chega o momento de apresentar os caminhos metodológicos escolhidos para realizar este estudo, o que será detalhado logo no próximo capítulo.

2.1 FUNDAMENTOS DO ESPORTE EDUCAÇÃO

O esporte é um dos fenômenos socioculturais mais marcantes durante os séculos. Segundo Tubino (2010) este tem merecido da intelectualidade e da mídia internacional uma atenção especial permitindo aprofundamentos políticos, sociais, culturais, educacionais, científicos e antropológicos.

Para compreendermos o universo esportivo, torna-se necessário enxergá-lo além de um evento competitivo de alto rendimento, mas sim também como um direito social. Tubino (2011) afirma que o esporte se situou na segunda metade do século XX como o fenômeno social mais expressivo do mundo, devido a extensão do seu envolvimento e das suas relações. Isso é possível se observar quando olhamos uma mudança conceitual ocorrida nas últimas décadas, quando o sentido educativo e de bem-estar social também ganhou espaço juntamente ao de rendimento.

Podemos afirmar que o esporte passou a ter um novo olhar perante ao fenômeno esportivo com a Carta Internacional de Educação Física e Esporte da UNESCO em 1978. Seguindo a isto, no Brasil, de acordo com Tubino (2010) o esporte de rendimento era o mais reproduzido, em todas as suas esferas, principalmente no campo escolar reconhecido por jogo/esporte. Com isso, em 1985, com a Comissão de Reformulação do Esporte Brasileiro presidida por Manoel Tubino e instalada pelo Decreto nº 91.452 que o conceito de Esporte no Brasil foi ampliado, compreendendo o esporte além do desempenho e incluindo as perspectivas da educação e da participação (lazer).

A partir dessas mudanças, consolidou-se no cenário nacional uma nova organização das práticas esportivas, divididas em três grandes manifestações: o Esporte Educacional, o Esporte Participação (voltado ao lazer) e o Esporte Performance (voltado ao rendimento). Conforme explicam Nogueira e Mendonça (2015), o modelo educacional da esporte busca ir além de uma simples transmissão de regras e disciplina moral. Ele assume o compromisso de utilizar

conceitos democráticos como cidadania, inclusão, respeito à diversidade e justiça social para transformar a realidade dos alunos.

Além de integrar socialmente, Tubino (2011) fala que o esporte escolar tem como objetivo trabalhar o desenvolvimento psicomotor por meio das atividades físicas. Além disso, outros aspectos como a autonomia e formação do cidadão crítico são objetivos do esporte educacional. Porém é importante ressaltar que este contexto pode excluir ou incluir o aluno dependendo da proposta pedagógica.

Já no Esporte Rendimento/Performance o foco é direcionado para, literalmente, com o objetivo na performance. Pode-se ser observada quando a escola participa ou promove os jogos escolares e olimpíadas, que ao invés de enfatizar a dimensão social da prática esportiva, acaba reforçando o espírito de competição, como acontece no alto nível.

De acordo com Nogueira (2014) A performance esportiva não deve ser vista como superior ou inferior às dimensões educativa e participativa do esporte. Pelo contrário, ela estabelece conexões que reforçam a urgência de se discutir o fenômeno esportivo como um instrumento reflexivo, capaz de decodificar e transformar as dinâmicas da sociedade.

De acordo com Tubino (2011), este tipo de esporte propicia espetáculos esportivos, onde dá ênfase a aqueles mais capacitados. Além disso, este efeito pode ter um lado negativo, por excluir os menos habilidosos no esporte. Porém, o esporte de rendimento não possui somente pontos negativos, ele também age como atividade cultural, sendo sempre um meio de progresso nacional exercendo grande influência no esporte popular.

Por sua vez, o Esporte Participação/Lazer é definido como aquele que promove o prazer imediato de quem o realiza, não havendo obrigações estabelecidas como no alto rendimento. Este é voltado mais para o esporte praticado nas horas livres, sem compromisso, onde o praticante não pensa em trazer resultados e sim apenas no prazer que a prática proporciona.

Mas afinal, em que manifestação as crianças devem iniciar a prática esportiva? Triani et al. (2016) afirma que esta é uma das perguntas que geram mais conflitos entre autores pois alguns acreditam que a iniciação esportiva precoce pode gerar malefícios para as crianças.

Complementando esse raciocínio, os autores indicam afirmando que o aprendizado das técnicas e regras na iniciação esportiva para crianças deve ocorrer de forma simples, gradativa e divertida vivenciar o esporte sem a cobrança da especialização construindo assim valores e novas amizades.

Além disso o professor de Educação Física também tem a responsabilidade pela aprendizagem destes valores durante as aulas, orientando sobre a importância da prática para a promoção da saúde onde todos possam participar.

Por muitas das vezes as crianças, menos habilidosas, ficam receosas em participar, tendo medo de errar, ser julgada pelos amigos caso não consigam realizar tal tarefa exigida. É devido a estas situações que o professor tem uma extrema importância agindo para minimizar ou até mesmo sanar estas dificuldades através do aprendizado, explicando que errar faz parte do processo e trazendo a confiança para que ele consiga estar inserido neste meio, mesmo que cometa erros.

Diante de tudo, é necessário compreender que na escola, o esporte pode existir como esporte de rendimento, esporte popular e esporte da escola. Isso faz com que este fenômeno se torne objeto de pesquisa em todos os seus aspectos.

2.2 PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DO MOVIMENTO

O atletismo se apresenta como um esporte cheio de possibilidades metodológicas para ser trabalhado na escola, independentemente do espaço físico disponível ou da capacidade física de quem o pratica. Através dele, torna-se possível desenvolver uma ampla diversidade de valências físicas. Nascimento e Triani (2020) apontam que essas chances de trabalho existem desde as origens da humanidade, por meio de movimentos básicos e naturais como o correr, o saltar e o lançar.

Diante disso, torna-se de extrema importância entender que, antes mesmo de pensar no "fazer" atletismo por fazer, devemos discutir "como" praticar essa modalidade na escola. É fundamental abrir debates sobre as suas dimensões, metodologias e estratégias pedagógicas para que o esporte realmente contribua com a formação integral dos alunos. Contudo, a perspectiva

adotada aqui não enxerga a competição como uma finalidade em si mesma, mas sim como uma parte importante de todo o processo de ensino-aprendizagem. Como reforça Oliveira (2018), o atletismo na escola precisa ganhar uma cara nova, distante daquela cobrança de rendimento dos clubes, focando no desenvolvimento motor e na cultura de lazer dos estudantes.

Segundo Nunes e Cartier (2010), o processo de ensino-aprendizagem na Educação Física se consolida a partir de perspectivas históricas que se materializam no nosso presente. Isso evidencia a necessidade de enxergar a apreensão do conhecimento como algo de natureza histórica, que muda com o tempo. Nos dias de hoje, esse processo exige a superação dos modelos tradicionais antigos, que eram baseados na repetição mecânica dos movimentos, na exclusão técnica dos menos habilidosos e na padronização dos corpos. De acordo com Kunz (2014), o ensino do esporte deve passar por uma transformação didático-pedagógica, onde o foco deixa de ser a técnica pela técnica e passa a ser a emancipação do aluno.

Para que o componente curricular cumpra de verdade a sua função social e pedagógica, a ação do professor deve ser norteadada por quatro pilares conceituais interdependentes: os princípios da inclusão, da diversidade, da complexidade e da adequação ao aluno. Esses eixos não funcionam de forma isolada; pelo contrário, eles se entrelaçam para garantir que o conhecimento da cultura corporal de movimento seja democratizado e acessível a todos os sujeitos do processo educativo, como veremos detalhadamente a seguir.

Para que as aulas de atletismo ocorram, existem quatro princípios que podem auxiliá-lo. O princípio da inclusão que defende que o esporte na escola é um direito de todos. (NASCIMENTO; TRIANI, 2020; SOUZA, 2019); O princípio da diversidade onde há uma valorização a singularidade de cada aluno (NASCIMENTO; TRIANI, 2020; REIS, 2020); Princípio da complexidade atribui ao aluno fatores emocionais e do ambiente além dos técnicos (NASCIMENTO; TRIANI, 2020); e por fim, o princípio da adequação ao aluno onde as aulas são moldadas de acordo com os alunos presentes nela (NASCIMENTO; TRIANI, 2020).

2.3 MODELO DO MINIATLETISMO E OS PRINCÍPIOS DA APRENDIZAGEM

O princípio da adequação ao aluno estabelece que o sujeito que está aprendendo deve ocupar o centro de toda a ação pedagógica. A ideia principal é que a aula de atletismo deve se moldar e se adaptar às necessidades e realidades do aluno, e não o aluno ser obrigado a se encaixar à força em um modelo técnico pronto. Ou seja, o foco principal não é a execução da técnica perfeita do esporte de rendimento, mas sim o bem-estar e o desenvolvimento de quem está praticando (NASCIMENTO; TRIANI, 2020).

Na prática cotidiana das escolas, isso significa respeitar três pontos essenciais: a idade e o corpo: Uma criança ou adolescente não pode treinar ou praticar igual a um atleta adulto. O professor precisa propor atividades que combinem perfeitamente com a fase de crescimento e desenvolvimento motor da turma; o ritmo de cada um: Alguns alunos já são muito ativos no dia a dia, enquanto outros são mais tímidos ou nunca correram em uma pista. As tarefas precisam desafiar quem já sabe mais, porém sem assustar ou afastar quem está começando; a realidade estrutural: Se a escola não possui uma pista oficial ou caixa de areia regulamentar, o professor adapta os treinos no pátio ou na quadra com o material alternativo que tiver disponível, valorizando o esforço pedagógico.

Para materializar essa adequação, o professor pode utilizar ações pedagógicas divididas em três âmbitos de conteúdo. Na dimensão conceitual, desenvolvem-se os aspectos históricos das modalidades, os locais de prática e as regras, fazendo o aluno entender como o fator rendimento funciona nas provas oficiais. A dimensão procedimental, que está ligada ao "como fazer", é desenvolvida através das práticas corporais adaptadas para cada faixa etária. E a dimensão atitudinal trabalha as noções de ética, respeito ao próximo, empatia, o cuidado com o ambiente e a importância da cooperação em equipe para resolver problemas práticos durante as provas.

Historicamente, o atletismo priorizava o rendimento máximo e a exclusão dos menos aptos, defendendo um modelo tecnicista e rígido. Hoje, as novas abordagens pedagógicas defendem um ensino pautado na ludicidade, na inclusão e na adaptação, características que dão vida ao modelo do Miniatletismo.

Segundo a World Athletics, o miniatletismo é um programa mundial criado em 2002 e atualizado em 2021, com o intuito de utilizar a modalidade como uma

ferramenta de sensação e inspiração para crianças e jovens, tornando-os mais ativos e criando laços sociais (WORLD ATHLETICS, 2021).

O Miniatletismo funciona como uma excelente ferramenta pedagógica para as aulas, pois permite uma enorme flexibilização das regras, adaptação dos espaços físicos e a construção de materiais didáticos com recursos recicláveis, sem perder o seu sentido completo (COSTA; MOURA, 2021). Dessa forma, o atletismo deixa de ser uma busca cega por recordes e passa a ser compreendida como um rico patrimônio da cultura corporal de movimento, capaz de democratizar o acesso ao esporte e promover a autonomia e a cooperação entre todos os alunos.

É importante discorrer que no processo de ensino-aprendizagem do atletismo na escola, o professor pode caminhar por caminhos diferentes para ensinar os movimentos. Os dois métodos mais conhecidos e discutidos na Educação Física são o método parcial (analítico) e o método global (da totalidade).

O método parcial foca em quebrar o movimento em várias partes menores para que o aluno treine cada pedaço separadamente e de forma específica. No salto em distância, por exemplo, o aluno treina primeiro só a corrida, depois só a batida na tábua, depois a fase de voo e, por fim, a queda na areia.

Segundo Darido (2001), esse modelo tem raízes na abordagem tecnicista e diretiva, onde o foco é a repetição exaustiva para alcançar a perfeição do gesto técnico. Embora ajude a corrigir detalhes da mecânica, o método parcial costuma ser cansativo e pouco motivador para quem está começando, pois, o aluno demora a entender o sentido completo da prática.

Por outro lado, o método global defende que o aluno deve aprender praticando o todo, ou seja, vivenciando a atividade completa de uma vez, geralmente através do "aprender brincando". Em vez de treinar a mecânica isolada do arremesso de peso, o professor propõe jogos lúdicos onde o aluno precisa lançar objetos variados em alvos distantes.

Neto e Pimentel (2011) destacam que o método global é muito mais significativo para o processo de ensino-aprendizagem, pois estimula a motivação, a criatividade e a inteligência tática do aluno desde o início. O estudante aprende jogando, errando, descobrindo o próprio corpo e, o mais importante, encontrando prazer no esporte.

Para que o atletismo na escola não vire uma "peneira" excludente que só valoriza os alunos mais habilidosos e os talentos esportivos, o professor deve usar estratégias didáticas que incluam toda a turma, respeitando a diversidade de corpos e habilidades (NUNES; CARTIER, 2010). Entre as principais estratégias, destacam-se: Miniatletismo e Atletismo Coletivo: Desenvolvido pela própria federação internacional (World Athletics), o miniatletismo transforma as provas oficiais em jogos em equipe de formato reduzido. Em vez de uma corrida de velocidade individual, os alunos participam de um circuito de revezamento misto em curvas. Isso tira o peso da cobrança individual e joga o foco no esforço coletivo.

Podemos apontar também as Adaptação de Regras, Espaços e Distâncias: Na escola, as regras oficiais não devem ser seguidas ao pé da letra. O professor pode diminuir a distância das corridas, reduzir a altura das barreiras usando caixas de papelão ou trocar o peso oficial de metal por bolas de borracha ou garrafas PET com areia (COSTA; MOURA, 2021). O Rodízio de Funções: Nem todo aluno quer ou consegue correr rápido, mas todos devem participar.

O rodízio permite que os estudantes se revezem nas funções de atleta, árbitro, cronometrista, organizador do espaço e marcador de pontos. Isso desenvolve a responsabilidade e a compreensão social do esporte. As Gincanas e Circuitos Lúdicos: Organizar as aulas em formato de estações de gincana faz com que o atletismo perca o clima de pressão e ganhe uma atmosfera festiva. Enquanto um grupo pontua saltando em cordas elásticas, o outro soma pontos lançando bambolês. A pontuação é somada pelo grupo, garantindo que o ponto do aluno menos habilidoso seja tão importante quanto o do mais rápido.

Diante de tudo isso, o papel do professor de Educação Física muda completamente: ele deixa de ser um mero "treinador" que busca campeões e passa a ser um mediador do conhecimento (NUNES; CARTIER, 2010). O docente é o responsável por enxergar a aula pela lente da complexidade, entendendo que cada aluno tem seu tempo de aprendizagem, seu histórico de vida e suas limitações biológicas.

O professor deve planejar as atividades pensando em desafiar o aluno criticamente, estimulando-o a refletir sobre o esporte e a ressignificar os movimentos. Como bem aponta Matthiesen et al. (2005), a missão do educador não é cobrar a performance olímpica, mas sim garantir que o atletismo seja uma

ferramenta democrática de cidadania, autonomia e saúde. Ao equilibrar os métodos global e parcial e aplicar estratégias inclusivas, o professor transforma os limites da quadra em um espaço acolhedor e transformador para a totalidade dos estudantes.

2.4 JOGOS ESCOLARES E POLÍTICAS PÚBLICAS DO ESPORTE NO BRASIL

O esporte brasileiro tem hoje um grande destaque internacional por conta dos resultados que vem alcançando em eventos olímpicos, paralímpicos e mundiais. Por isso, é fundamental oferecer condições cada vez melhores para que os atletas e paratletas de alto rendimento possam treinar e competir. No Brasil, essa caminhada já começou através de projetos do governo e da própria sociedade. O desafio agora é transformar esses esforços isolados em uma política pública contínua, garantindo o direito ao esporte para todos os cidadãos, como prevê o Artigo 217 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988).

Para que isso aconteça, além de atualizar as leis esportivas e definir melhor o papel de cada modalidade, é urgente organizar as ações dos governos e da sociedade para traçar metas reais para o país, temas que também são discutidos no Estatuto do Esporte. Historicamente, a participação esportiva dos estudantes ficava presa quase que exclusivamente aos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs) e aos Jogos Universitários Brasileiros (JUBs).

Na metade dos anos 1980, houve uma tentativa de reestruturar esses eventos para ampliar o número de alunos participando e trazer uma nova visão sobre a competição. Porém, nos anos seguintes, o que se viu foi uma queda tanto na organização democrática desses jogos quanto no número de estudantes que participavam deles (CBDE, 2021). Nas décadas de 1980 e 1990, e principalmente a partir de 1995, com a criação dos Jogos da Juventude, o número de alunos ficou travado em uma média de 2.000 a 2.500 por evento. Isso é muito pouco para uma população escolar que, na época, ficava entre 30 e 40 milhões de estudantes no ensino básico.

Um ponto importante defendido na literatura é que as práticas esportivas são essenciais para o desenvolvimento humano integral. Por esse motivo, elas precisam de condições adequadas para atender a toda a diversidade de alunos que temos na sociedade. Nesse sentido, vale criticar as divisões criadas pela Lei

nº 9.615/1998 (a Lei Pelé), que separa o esporte em "desporto educacional", "desporto de participação" e "desporto de rendimento" (BRASIL, 1998). Essa separação acabou criando uma hierarquia que muitas vezes atrapalha as prioridades da escola. A nova Política Nacional do Esporte (PNE) tenta superar esses limites do passado.

Com a PNE, o conceito de "esporte educacional" fica muito mais amplo. Ele reconhece que o projeto pedagógico da escola e o ensino do esporte (como o atletismo) devem andar juntos, seja nas aulas, na comunidade ou no esporte de rendimento. Dessa forma, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996), o esporte escolar é aquele praticado no ensino básico e superior, seja como conteúdo obrigatório das aulas de Educação Física ou como atividade no contraturno (escolinhas), precisando sempre respeitar o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola (BRASIL, 1996).

Para que o esporte seja realmente um direito de todos, a Política Nacional do Esporte precisa de investimentos bem direcionados, além de um diagnóstico real sobre a estrutura esportiva no Brasil. Com o objetivo de organizar e desenvolver esse cenário, foi criada no ano 2000 a Confederação Brasileira de Desportos Escolares (CBDE). Hoje, a CBDE cuida de federações em todos os estados do Brasil e atende modalidades como o atletismo, basquete, futsal, handebol, natação, vôlei e xadrez, entre outras (CBDE, 2021).

Atualmente, a CBDE é um dos principais órgãos responsáveis pela gestão do esporte na escola no Brasil. Suas funções envolvem desde a organização de campeonatos nacionais e seletivas para escolher os alunos que vão representar o país em competições internacionais, até a compra de equipamentos e prestação de contas. Enquanto a CBDE foca no fomento, na inclusão e na massificação do esporte para todos através de eventos como os Jogos Escolares Brasileiros (JEBs), o Comitê Olímpico do Brasil (COB) atua de forma complementar. Sendo uma ONG filiada ao Comitê Olímpico Internacional (COI), o COB foca no alto rendimento, trabalhando para mapear novos talentos na escola e organizar competições de elite para os jovens, como os Jogos da Juventude (COB, 2024).

2.5 PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DO ATLETISMO

O atletismo é conhecido como o "esporte-base" porque a sua prática explora os movimentos humanos mais naturais e antigos, como o caminhar, o correr, o saltar e o lançar. De acordo com Gemente e Matthiesen (2017), essas habilidades motoras sempre estiveram ligadas à própria sobrevivência da humanidade em épocas passadas. Na Grécia Antiga, por exemplo, o atletismo era a grande estrela das primeiras Olimpíadas e, até hoje, continua sendo uma das modalidades mais tradicionais dos Jogos Olímpicos modernos.

Mesmo que as crianças já realizem esses movimentos naturais desde que nascem, as aulas de Educação Física surgem como a oportunidade ideal para melhorá-los e dar novos significados a eles. Apesar de toda essa riqueza histórica e motora, o atletismo enfrenta um forte contraste no Brasil: ao mesmo tempo em que é uma modalidade clássica, ele acaba sendo pouco divulgado no país e quase esquecido dentro do ambiente escolar (GEMENTE; MATTHIESEN, 2017).

Muitas vezes, os estudantes enxergam o atletismo como uma prática chata, repetitiva ou "sem graça". Conforme aponta Miranda (2012), esse desinteresse acaba desmotivando os próprios professores, que deixam de ver o atletismo como um desafio pedagógico viável e encontram dificuldades para encaixar esse conteúdo em seus planos de aula por falta de espaço ou estrutura.

Esse cenário de abandono da modalidade acontece muito porque a Educação Física ainda carrega traços de um modelo diretivo e tecnicista. Como explicam Nunes e Cartier (2010), muitas aulas focam apenas em movimentos repetitivos, regras rígidas e na especialização de gestos mecânicos voltados para os esportes tradicionais (como o futebol e o voleibol), deixando de lado o desenvolvimento do aluno em sua totalidade (afetiva, cognitiva, social e motora). Grande parte desse problema vem do distanciamento entre a teoria e a prática na formação e no dia a dia da escola, muitas vezes causado pela ausência de um Projeto Político-Pedagógico (PPP) que realmente funcione e ajude a transformar a realidade das aulas (NUNES; CARTIER, 2010).

Para mudar essa realidade e evitar o desinteresse dos alunos, os professores precisam buscar novas metodologias de ensino. Neto e Pimentel (2011) afirmam que o ensino do atletismo não deve seguir "receitas prontas", mas sim uma organização que priorize a participação de todos e traga desafios que façam os estudantes refletirem sobre a sua realidade. O atletismo pode ser

ensinado através de brincadeiras e reconstruído de forma lúdica, sem perder o aprendizado das técnicas específicas. O objetivo é usar abordagens críticas (como a crítica-superadora ou a crítica-emancipatória) e construtivistas para aproximar a técnica do esporte da realidade de vida dos alunos, respeitando a cultura corporal e o nível de habilidade de cada um (NETO; PIMENTEL, 2011).

Uma das melhores ferramentas pedagógicas nesse processo é o jogo. No atletismo escolar, o jogo deve ser visto como uma chance para o aluno descobrir o esporte com prazer, sem focar na busca por "talentos" ou na exclusão dos estudantes menos habilidosos (NETO; PIMENTEL, 2011). Até mesmo a competição precisa ser repensada: em vez de focar apenas na vitória a qualquer custo, ela deve ser trabalhada como uma vivência lúdica de superação individual e coletiva.

Além disso, Neto e Pimentel (2011) sugerem o trabalho com projetos pedagógicos, que podem acontecer tanto nas aulas regulares quanto em horários extraclasse. Uma estratégia muito rica dentro desses projetos é a confecção de materiais alternativos (como barreiras, dardos de PVC, pesos de gesso e caixas de salto com materiais recicláveis). Essa produção resolve o problema da falta de dinheiro e infraestrutura das escolas e envolve o aluno desde a pesquisa inicial até a criação e o uso do material. Trabalhar por projetos traz vantagens como a flexibilidade de horários, a liberdade de escolha do aluno em participar, a mistura de turmas diferentes e uma relação mais amigável e próxima entre professor e estudante (NETO; PIMENTEL, 2011).

Essa necessidade de renovar o ensino do atletismo se justifica quando olhamos para a própria história da Educação Física no Brasil. Como destaca Darido (2001), durante muito tempo a disciplina priorizou apenas a dimensão procedimental — ou seja, o "saber fazer" a técnica, deixando de lado o conhecimento sobre a história e os valores da cultura corporal. No ensino fundamental e médio, não basta apenas ensinar a mecânica dos movimentos; é preciso ir além e fazer com que o aluno compreenda o contexto daquela prática para se integrar de verdade na cultura corporal (DARIDO, 2001).

Os conteúdos da escola mudam de acordo com as necessidades de cada época da sociedade. Segundo Darido (2001), no início, a Educação Física no Brasil era muito influenciada pela área médica, com foco na higiene, na saúde e na preparação física para interesses militares. Depois, veio a influência do

Método Desportivo Generalizado, que focava na iniciação esportiva direcionada para a especialização técnica. Na década de 1970, durante o governo militar, a escola foi usada para construir uma juventude forte e produtiva, reforçando valores de eficiência e rendimento. Foi só a partir dos anos 1980, com a redemocratização do país, que esse modelo focado apenas no alto rendimento passou a ser criticado, abrindo espaço para que novas teorias defendessem uma Educação Física mais inclusiva, democrática e diversificada (DARIDO, 2001; NUNES; CARTIER, 2010).

2.6 ATLETISMO EM COMPETIÇÕES ESCOLARES NO MARANHÃO

O atletismo no Maranhão vai muito além das pistas e campos de corrida, destacando-se como uma ferramenta de inclusão social, superação e descoberta de novos talentos nas escolas. No entanto, para que um jovem estudante saia da sua rotina de aulas e consiga alcançar os pódios nacionais, existe uma estrutura organizada de fomento e competição. O esporte competitivo escolar no estado é sustentado por um tripé fundamental que une a gestão oficial da modalidade às maiores celebrações do esporte estudantil: a Federação Atlética Maranhense (FAMA), os Jogos Escolares Ludovicenses (JELs) e os Jogos Escolares Maranhenses (JEMs).

No topo da pirâmide técnica do esporte estadual está a Federação Atlética Maranhense (FAMA). Como entidade oficial filiada à Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt), a FAMA é a autoridade máxima responsável por regulamentar, arbitrar e oficializar as marcas e recordes no estado. É ela quem garante o suporte para que as competições sigam as regras internacionais da World Athletics, elevando o nível técnico e transformando o esforço dos atletas em registros válidos para os rankings nacionais (CBAt, 2022).

Contudo, é no ambiente da escola que o atletismo ganha vida e descobre a sua base. Esse ciclo começa de forma intensa na capital com os Jogos Escolares Ludovicenses (JELs). Organizado pela Secretaria Municipal de Desportos e Lazer (Semdel) de São Luís, o JELs funciona como a grande vitrine inicial para os estudantes-atletas da cidade, tanto da rede pública quanto da privada. A competição incentiva uma rivalidade saudável entre as escolas da

capital e serve como o primeiro filtro competitivo, selecionando os melhores velocistas, saltadores e arremessadores de São Luís.

O ponto mais alto desse ecossistema esportivo desagua nos tradicionais Jogos Escolares Maranhenses (JEMs), promovidos pelo Governo do Estado através da Secretaria de Estado do Esporte e Lazer (Sedel). O JEMs é o maior evento estudantil-esportivo do Maranhão, integrando escolas públicas e privadas de todas as regiões maranhenses (MARANHÃO, 2023). A competição é dividida em duas categorias de idade: a Infantil (para alunos de 12 a 14 anos) e a Infante (de 15 a 17 anos).

A verdadeira dimensão e força dos JEMs estão no seu alcance geográfico e na sua capacidade de mobilizar o interior. Trata-se da competição mais democrática do estado, promovendo a integração de mais de 100 municípios maranhenses a cada edição. A disputa acontece em duas grandes etapas. A primeira é a Fase Regional/Metropolitana, que reúne polos municipais próximos para facilitar a logística da competição, em cidades-sede escolhidas previamente. Os campeões de cada modalidade e prova nesta etapa garantem o passaporte para a Fase Final, realizada em São Luís.

É justamente no atletismo dos JEMs que os campeões do interior do estado se encontram com os vencedores dos JELs da capital. Dessa mistura de talentos saem as equipes e atletas que representarão o Maranhão nas etapas nacionais de elite da base, como os Jogos Escolares Brasileiros (JEBs) e os Jogos da Juventude (COB, 2024). Além do esporte convencional, o evento acontece em conjunto com os ParaJEMs (Jogos Paralímpicos Escolares Maranhenses), garantindo de forma prática a inclusão de estudantes com deficiência física, visual e intelectual, transformando o esporte em um direito acessível para todos, conforme defendem as teorias da inclusão escolar (NETO; PIMENTEL, 2011).

3. METODOLOGIA

3.1 CENÁRIO DO ESTUDO

O cenário dos Jogos Escolares Maranhenses (JEMs) é marcado por uma desigualdade regional muito grande, mas também por uma força incrível de superação que vem do interior do estado. Para os professores e alunos dos municípios mais distantes, conseguir chegar até a etapa estadual em São Luís é uma verdadeira odisséia que vai muito além das competições na pista ou na quadra.

Muitas vezes, esses professores enfrentam uma falta quase total de apoio logístico e financeiro em suas cidades, precisando organizar rifas, gincanas ou tirar dinheiro do próprio bolso apenas para garantir o transporte, a alimentação e uniformes básicos para os estudantes. Como a viagem até a capital costuma ser longa e desgastante, as delegações do interior chegam enfrentando o cansaço do trajeto e, frequentemente, precisam se alojar em condições improvisadas, como salas de aula de escolas públicas cedidas pela organização.

Apesar de todas as barreiras geográficas e estruturais, a vinda desses professores do interior consolida o atletismo como a modalidade mais democrática dos JEMs. Enquanto levar um time completo de esportes coletivos (como futsal ou handebol) gera um custo altíssimo de viagem que as prefeituras pequenas raramente conseguem arcar, o atletismo permite que o professor viaje com uma delegação reduzida de três ou quatro atletas de alto potencial.

É por essa razão que o interior do Maranhão se transformou no maior celeiro de talentos do atletismo do estado: esses professores transformam as dificuldades em combustível e, mesmo treinando seus alunos em pistas de barro, praças públicas, praias ou campos abertos em suas cidades natais, conseguem bater de frente com as grandes escolas privadas da capital, mostrando que o esporte escolar é um dos maiores instrumentos de inclusão e transformação social da realidade maranhense.

3.2 TIPO DE ESTUDO

O estudo enquadra-se dentro da natureza de pesquisa qualitativa. (não se preocupa em quantificar dados através de fórmulas matemáticas, mas sim em compreender a fundo a realidade social e a complexidade das relações humanas). O Delineamento proposto foi método descritivo. “[...o foco essencial destes estudos reside no desejo de conhecer a comunidade, seus traços característicos, suas gentes, seus problemas, suas escolas, seus professores, sua educação...]. (TRIVINÕS, 1987). Sendo assim, pretende-se com o estudo estudar o processo de ensino-aprendizagem do atletismo em escolas participantes dos Jogos Escolares no estado do Maranhão.

3.3 SUJEITOS DO ESTUDO

Participaram deste estudo os professores de Educação Física atuantes nas instituições de ensino inscritas nos Jogos Escolares Maranhenses (JEMs) na modalidade atletismo. A seleção dos sujeitos da pesquisa seguiu um fluxo metodológico estruturado em etapas consecutivas. Primeiramente, realizou-se um levantamento documental por meio da consulta aos boletins oficiais disponíveis no sítio eletrônico da Secretaria de Estado do Esporte e Lazer (SEDEL), com o intuito de mapear e identificar quais escolas participaram efetivamente das competições.

Após a identificação das instituições, o mapeamento dos docentes foi viabilizado por meio do acesso a um grupo de comunicações virtuais, criado originalmente pelo responsável técnico da SEDEL para a coordenação dos jogos. A partir dessa listagem, estabeleceu-se o contato inicial com os professores tanto presencialmente quanto por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp, oportunidade na qual foram formalizados os convites para a participação na pesquisa. Por fim, os docentes receberam o formulário eletrônico investigativo acompanhado das devidas orientações sobre os objetivos da pesquisa, sendo a participação condicionada à leitura e assinatura voluntária do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3.4 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Aprovada a abordagem inicial, os docentes que aceitaram o convite receberam o link de acesso ao instrumento de pesquisa, que foi disponibilizado de forma online por meio de um formulário da plataforma Google Forms. Antes do preenchimento das questões, os participantes tiveram acesso à apresentação detalhada dos objetivos do estudo e à leitura obrigatória do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento que validou a participação voluntária e garantiu o total sigilo, anonimato e confidencialidade das informações prestadas.

Como instrumento de investigação, utilizou-se a entrevista semiestruturada, elaborada com base nos objetivos específicos do estudo. De acordo com Marques e Iora (2009), esse procedimento aproxima-se da lógica da entrevista em profundidade, estruturando-se a partir de um roteiro flexível de perguntas que possibilita um diálogo intensamente recíproco entre o pesquisador e o informante. Essa dinâmica metodológica permitiu aos professores liberdade na construção de suas respostas, viabilizando a expressão sincera de pensamentos críticos, desabafos e reflexões que, muitas vezes, permanecem contidos na rotina institucional diária do docente do interior e da capital.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados foram organizados seguindo as categorias de análise presentes nos objetivos específicos do estudo. Os dados foram organizados através de quadros e figuras de resultados, seguidos de análise e discussão dos resultados.

4.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E CONTEXTO INICIAL

A pesquisa alcançou 25 professores atuantes na rede de ensino básica do Estado do Maranhão e que participaram dos Jogos Escolares Maranhenses (JEMs), sendo desde quantitativo apenas 1 professor se opôs a participar da pesquisa não assinalando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os participantes encontram-se distribuídos por diversos municípios maranhenses, totalizando 14, conforme detalhado na Tabela 1.

Em relação a caracterização etária, o grupo apresentou um perfil heterogêneo, com idade mediana de 44,5 anos (IQR: 38,5 – 56,25 anos), compreendendo uma amplitude entre 27 e 70 anos. No que diz respeito à experiência acadêmica, todos os participantes possuem graduação na área, com um período de conclusão que abrange desde 1980 até 2025. Esta linha do tempo de formação revela a coexistência de docentes recém-graduados e profissionais seniores na amostra. 87,5% dos respondentes declarou possuir uma ou mais Pós-Graduação e 75% destes professores estão inseridos na rede de ensino pública do Estado.

Quando se observa a participação destes professores nas edições dos JEMs, notou-se que 70,83% destes treinam e trazem equipes de forma ininterrupta aos jogos, enquanto 25% tiveram como sua última edição entre 2022 e 2024.

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico, formativo e profissional dos professores de Educação Física investigados (n=24)

VARIAVEIS	FREQUÊNCIA ABSOLUTA (n)	FREQUÊNCIA RELATIVA (%)
Município de Atuação		
São Luís	6	25%
Cururupu, Caxias, Guimarães, Paço do Lumiar e Timon	2	41,66%
Presidente Dutra, Bacabal, Codó, Humberto de Campos, Imperatriz, São Mateus do Maranhão, Tuntum e Urbanos Santos	1	33,33%
Tipo de Escola		
Pública	18	75%
Privada	2	8,33%
Pública/Privada	4	16,66%
Graduação		
Educação Física Licenciatura	18	75%
Educação Física Plena	5	20,83%
Licenciatura e Bacharelado	1	4,16%
Educação Física Bacharelado	0	0%
Pós Graduação		
Lato Sensu	21	87,5%
Mestrado/Doutorado	0	0
Nenhuma	3	12,5%
Participação do JEMs		
2019 a 2021	1	4,16%
2022 a 2024	6	25%
Todos até 2025	17	70,83%
	24	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2026).

Para compreender o cenário do atletismo nas instituições de ensino maranhenses, faz-se indispensável resgatar a historicidade e o processo de introdução desse conteúdo no ambiente escolar (Questão 1). Segundo os 24 docentes avaliados revelam que a porta de entrada da modalidade nas escolas não tem um caminho único a ser seguido, sendo múltiplos formatos abordados.

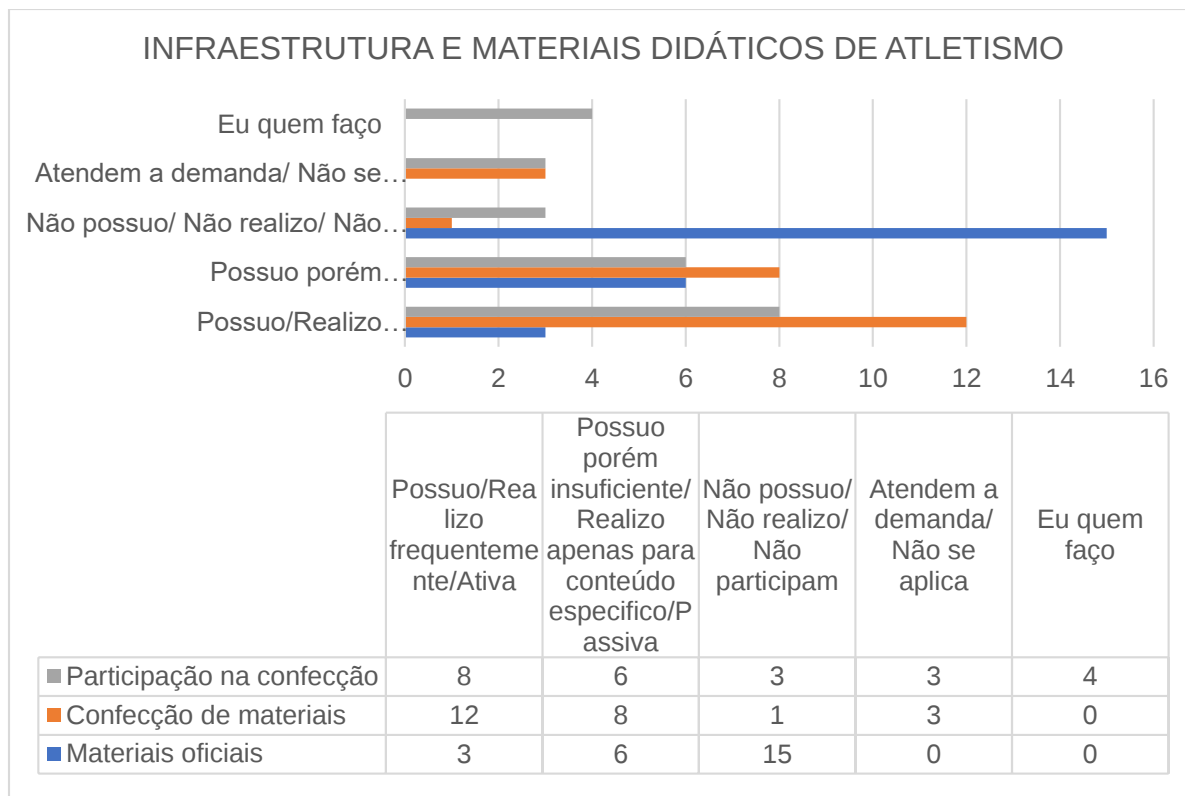
De acordo com as respostas 50% (n = 12) dos pesquisados indicou que a implantação da modalidade ocorreu dentro “da sala de aula da Educação Física” como conteúdo curricular obrigatório. Por outro lado, uma parcela expressiva de 20,8% (n = 5) afirmaram que o atletismo foi introduzido no ambiente escolar “através de seletivas competitivas” para identificar possíveis talentos e formar equipes para os Jogos Escolares Maranhenses (JEMs).

Outras parcelas de professores de forma minoritária apontaram que o esporte surgiu “através de festivais e eventos” (12,5% - n = 3) e 8,3% (n = 2), cada uma, apontaram que teria sido “por meio de escolinhas de esportes (contraturno)” e “através de um modelo híbrido” (identificados na aula de Educação Física e direcionados para as escolinhas).

O fato de 50% dos docentes apontarem a aula regular como o marco inicial do atletismo (Questão 1) é um dado estatisticamente positivo, pois sinaliza o cumprimento do esporte como direito de aprendizagem universal e conteúdo obrigatório, conforme preconizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Segundo Matthiesen et al. (2005) fala que é por meio de atividades recreativas que mesclam as habilidades motoras e conhecimento específicos das provas oficiais de atletismo, o professor poderia aproximar as crianças iniciando-as através dos movimentos básicos e jogos pré desportivos para criar uma base capaz de sustentar um aprofundamento técnico.

Contudo, o surgimento de mais de 20% de respostas vinculando a origem da modalidade estritamente às seletivas para o JEMs acende um alerta pedagógico. Introduzir o atletismo sob a luz da seletividade competitiva precoce pode inverter a lógica educacional. De acordo com Ramos e Neves (2008), a especialização precoce na escola pode acarretar não só em um encerramento precoce da carreira esportiva, mas também em uma formação escolar deficiente, redução da participação de brincadeiras e jogos infantis importantes para o desenvolvimento da criança.

4.2 INFRAESTRUTURA, MATERIAIS E ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO

Figura 1: Infraestrutura e materiais didáticos para o ensino do atletismo na escola

Fonte: Dados da Pesquisa (2026).

Ao investigarmos sobre os recursos materiais e da infraestrutura didática (Questão 5), os dados revelam um cenário de escassez institucional que é diretamente combatido pela criatividade e pela ação pedagógica dos professores de Educação Física.

Na primeira subpergunta, que fala sobre a realidade da escola perante ao acesso a implementos oficiais ou específicos da modalidade (Questão 5a), a carência do sistema público e privado ficou evidente contabilizando 62,5% (n = 15) dos docentes afirmaram que a escola não possui nenhum material oficial para o atletismo. Outros 25,0% (n = 6) relataram possuir materiais oficiais, porém em quantidade insuficiente para o total de alunos na turma. Apenas uma minoria de 12,5% (n = 3) indicou trabalhar em instituições que oferecem materiais suficientes para atender à demanda das turmas.

Quando questionados se realizam a adaptação de implementos ou a confecção de materiais alternativos (Questão 5b), 50,0% (n = 12) dos professores responderam que realizam essa confecção de forma frequente para viabilizar as aulas, enquanto 33,3% (n = 8) o fazem de maneira esporádica,

concentrando-se em conteúdos complexos como saltos e lançamentos. Em contrapartida, 12,5% (n = 3) não veem necessidade de adaptar e apenas 4,2% (n = 1) declararam não realizar adaptações por falta de tempo ou recursos.

Por fim, o estudo mapeou se há uma participação, quando necessária, dos estudantes nesse processo de confecção/construção de recursos didáticos (Questão 5c). A "Participação ativa", na qual os alunos auxiliam diretamente no planejamento e na confecção reutilizando garrafas PET, cabos de vassoura e jornais, foi a realidade apontada por 33,3% (n = 8) dos respondentes. A "Participação passiva" (interagir com o material já pronto pelo professor nas dinâmicas) foi indicada por 25,0% (n = 6), enquanto 16,7% (n = 4) afirmaram assumir sozinhos toda a carga de produção dos implementos. O uso de material pronto sem participação dos alunos e a opção "não se aplica" pontuaram, cada uma, com 12,5% (n = 3) das respostas.

O fato de 62,5% das escolas não possuírem um único implemento oficial (5a) e 83,3% dos docentes dependerem da confecção de materiais alternativos (5b) corrobora a tese de que o atletismo na escola é, essencialmente, uma prática de resistência pedagógica. Transformar garrafas PET em barreiras ou cabos de vassoura em dardos não é uma escolha metodológica, mas uma estratégia de sobrevivência diante da ausência do Estado.

Ao serem questionados sobre o espaço físico disponível na escola e as adaptações realizadas para o ensino do atletismo (Questão 4), as respostas dos 24 docentes revelaram um cenário precário nas escolas maranhenses.

Quando extrairmos os depoimentos dos professores, observamos que as escolas não dispõem de qualquer infraestrutura física que viabilize as práticas esportivas do atletismo. Com base nisso, os professores são obrigados a recorrer a espaços públicos da comunidade, praças, estádios e avenidas para ministrar as suas aulas. Isso fica evidente nos relatos:

“Na escola não tem espaço adequado para a prática do atletismo, faço a prática em um campo de futebol próximo a escola e na pista de atletismo que fica distante...” (Professor 2, Caxias).

“Utilizo a avenida próximo a escola para as provas de corridas...”
(Professor 10, Tuntum).

“Não temos espaço físico na escola, utilizamos as áreas do complexo esportivo Canhoteiro.” (Professor 12, São Luís).

“...quando se aproximam os jogos fazemos treinos na praia.”
(Professor 17, Paço do Lumiar).

Outros professores criam outras estratégias como a ressignificação de ambientes, que originalmente não foram projetados para o atletismo, dentro do espaço escolar. Como quadras poliesportivas gerais, pátios, quintais e até estacionamentos de automóveis.

“O espaço físico disponível [...] é um galpão utilizado como quadra esportiva, o que limita algumas práticas específicas da modalidade devido ao espaço reduzido e à ausência de estruturas adequadas.” (Professor 8, São Luís).

“Aulas nas escolas que ministro aulas ocorre no pátio ou quadra da escola...” (Professor 24, Caxias).

“...realizava adaptações no estacionamento da instituição para executar as atividades.” (Professor 14, São Luís).

Apesar do cenário desfavorável mostrado nas falas anteriores, destaca-se um forte movimento pedagógico onde professores relatam a criação de estruturas próprias, muitas das vezes com a participação dos alunos, transformando espaços inativos em locais de treino.

“A minha escola tem um quintal muito espaçoso, então eu e alguns alunos fizemos uma caixa de areia para o salto triplo e em distância, fizemos as demarcações para as corridas...”
(Professor 3, Guimarães).

“Fiz uma adaptação de uma caixa de areia no campo e colchões para a salto em altura” (Professor 2, Caxias).

“Usamos o meio do campo [...] para o salto em altura, arremessos e lançamentos; [...] para as provas de longas distâncias usamos cones para delimitar as raias no campo. ”
(Professor 4, Imperatriz).

A confecção manual de caixas de areia com a participação dos discentes (como observado em Guimarães) e a delimitação de raias com cones (em Imperatriz) convertem a escassez em possibilidade educativa. Essa atitude proativa corrobora o posicionamento de Netto e Pimentel (2009), ao defenderem que o ensino do atletismo na escola não depende de pistas sintéticas oficiais, mas sim da capacidade do docente em ressignificar o espaço disponível, garantindo o direito do aluno de vivenciar a cultura corporal de movimento independentemente dos gargalos estruturais da gestão pública.

Essa realidade mostra que os professores são constantemente desafiados a intervir pedagogicamente através da improvisação e da ressignificação de espaços e objetos cotidianos. Indo ao encontro dessa ideia, Costa e Moura (2021) defendem que a falta de infraestrutura e de materiais oficiais não pode se tornar um fator que impeça as aulas, pois essas barreiras estruturais devem ser superadas por meio de estratégias metodológicas criativas. Assim podemos também não olhar somente para a escassez da situação, mas também a utilizas como meio pedagógico, uma vez que podemos através desta situação trazer os próprios estudantes para um certo protagonismo.

Ao observarmos a Questão 6, que trata sobre as principais dificuldades e os maiores enfrentamentos para implantar e manter o atletismo no ambiente escolar, os docentes desenharam um panorama complexo que vai muito além das limitações físicas.

Complementando a problemática do espaço físico, a falta de implementos básicos (como dardos, discos, blocos de partida e colchões) e a ausência de aporte financeiro institucional foram apontadas como barreiras severas que limitam a experiência real da modalidade.

“As principais dificuldades [...] estão relacionadas [...] à escassez de recursos financeiros para aquisição de implementos esportivos adequados, tornando necessário o uso de materiais alternativos...” (Professor 8, São Luís).

“Primeiro os materiais apropriados; [...] Poucas competições na cidade...” (Professor 2, Caxias).

“A falta de material oficial” (Professor 3, Guimarães).

Uma das barreiras mais citadas não é estrutural, mas sim cultural. Os professores relatam a imensa dificuldade de disputar a atenção dos alunos com os esportes de invasão (com bola), além de apontarem o "assédio" de técnicos de outras modalidades sobre os praticantes de atletismo.

“É o gosto dos alunos para a modalidade do futsal” (Professor 6, São Mateus do Maranhão).

“A concorrência com esportes mais populares como: futsal, futebol e handebol. ” (Professor 11, Urbano Santos).

“Por ser um esporte individual, fica muito difícil competir com as outras modalidades onde tem a bola como maior interesse dos alunos” (Professor 22, São Luís).

“A principal dificuldade é o assédio dos professores de outras modalidades, principalmente coletivas, aos alunos do atletismo. Às vezes com falsas promessas...” (Professor 4, Imperatriz).

Os professores indicam que o tempo das aulas de Educação Física são insuficientes para aprofundar o atletismo. Somado a isso, há um esvaziamento do interesse dos alunos após o término das competições oficiais, dificultando a manutenção do projeto ao longo do ano letivo.

“O currículo, pois as aulas de educação física contemplam vários conteúdos e a carga horária é insuficiente para ampliar/aprofundar um deles. ” (Professor 15, São Luís).

“É manter o interesse ativo dos alunos pela modalidade após os jogos escolares” (Professor 10, Tuntum).

“A frequência dos alunos à rotina de treinamento. Muitos deixam de lado a rotina de treino após os jogos escolares. ” (Professor 9, Guimarães).

Além disso, revela-se um sentimento do professor de Educação Física em relação a incompreensão da comunidade escolar sobre o valor do atletismo e a resistência dos pais.

“O espaço, a falta de materiais oficiais e o incentivo da escola [...] pois se não houvesse o meu incentivo os alunos nem estariam treinando. ” (Professor 18, Timon).

“Falta de compreensão por parte dos gestores e principalmente os pais que não apoiam” (Professor 24, Caxias).

“O Atletismo ainda é visto como uma modalidade que é 'só corrida' 'modalidade sem graça', os professores ainda precisam mostrar o real valor que a modalidade tem...” (Professor 14, São Luís).

Os dados da Questão 6 revelam que o maior desafio para o atletismo escolar no Maranhão reside na superação do fenômeno sociocultural centralizado na figura da bola e do futsal. A resistência dos alunos frente a esportes individuais, associada ao desconhecimento e preconceito de que o atletismo se resume a 'apenas correr' (como destacado em São Luís), exige do docente um esforço duplo: o de ensinar e o de legitimar a modalidade.

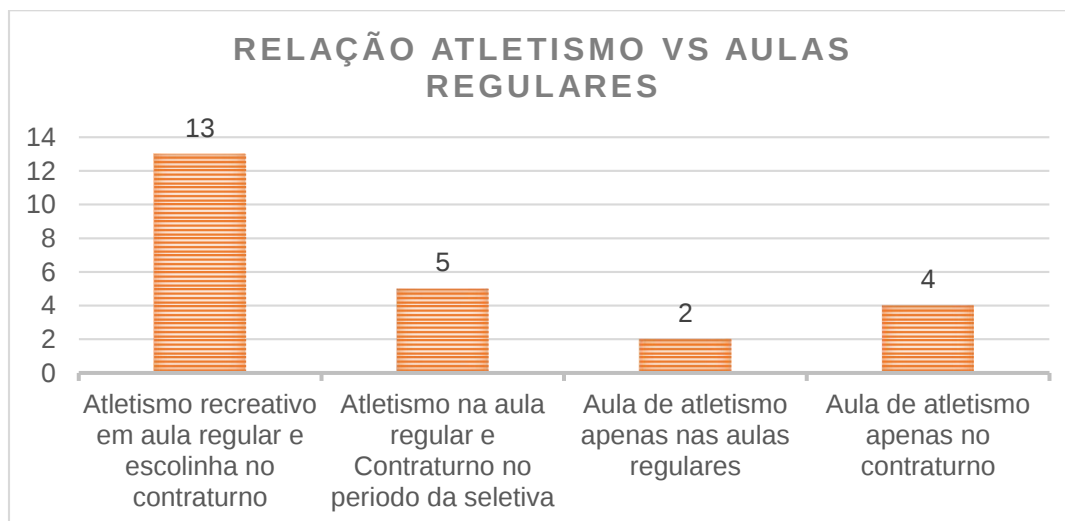
Além disso, o esvaziamento dos treinos após o período competitivo dos jogos escolares evidencia que o atletismo, muitas vezes, é empurrado para a periferia do planejamento escolar, sobrevivendo exclusivamente do

voluntarismo, dos atletas que não são convocados para as modalidades coletivas e incentivo isolado do professor (conforme relatado em Timon).

4.3: PRÁTICA PEDAGÓGICA, MÉTODOS DE ENSINO E INCLUSÃO

Ao investigar a dinâmica do atletismo no cotidiano escolar, buscou-se analisar como a modalidade se insere nas aulas regulares e quais são as estratégias didáticas e conceituais utilizadas pelos docentes para promover um ensino inclusivo e significativo.

Figura 2: Relação da modalidade atletismo com as aulas regulares de Educação Física.

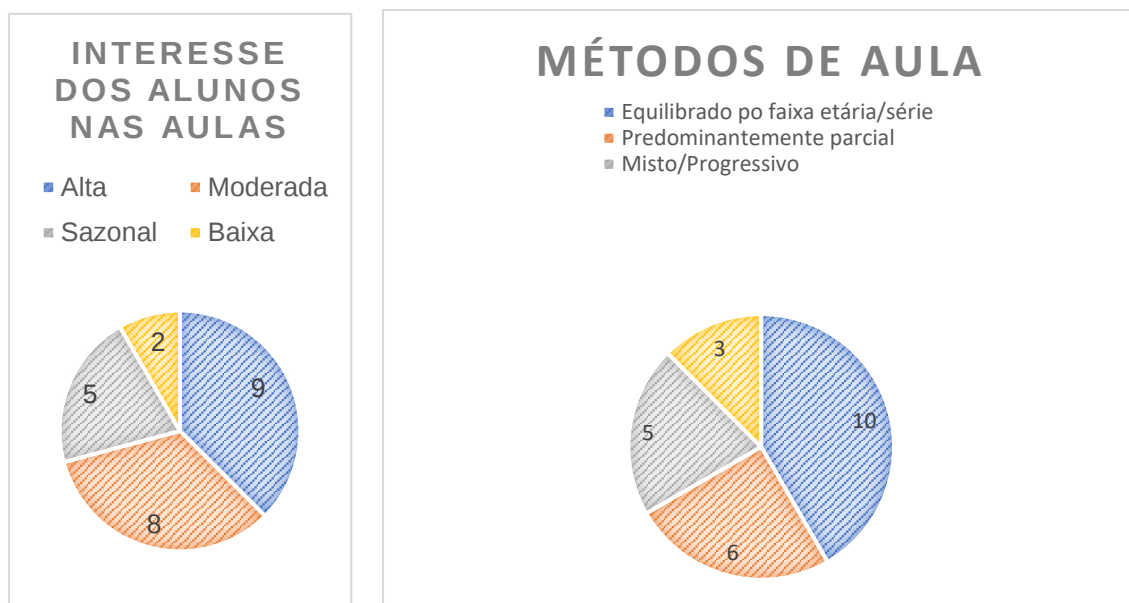


Fonte: Dados da Pesquisa (2026).

Inicialmente, mapeou-se a relação da modalidade com a matriz curricular regular e as atividades de contraturno (Questão 2). Os dados revelaram que, para a maioria dos participantes (54,2%; $n = 13$), o atletismo assume um caráter duplo, ocorrendo na aula regular com foco recreativo/formativo e migrando para escolinhas no contraturno com foco competitivo. Para 20,8% ($n = 5$), a modalidade restringe-se à aula regular, acionando o contraturno apenas de forma sazonal em períodos de seletivas do JEMs.

Um total de 8,3% ($n = 2$) concentra todo o conteúdo nas aulas regulares sem qualquer atividade extraclasse, enquanto 16,7% ($n = 4$) indicaram uma realidade preocupante: a inexistência do atletismo na grade regular, sobrevivendo exclusivamente no contraturno.

Figura 3: Receptividade e interesse dos alunos com o conteúdo do atletismo nas aulas de Educação Física e métodos de ensino do atletismo nas aulas de Educação Física

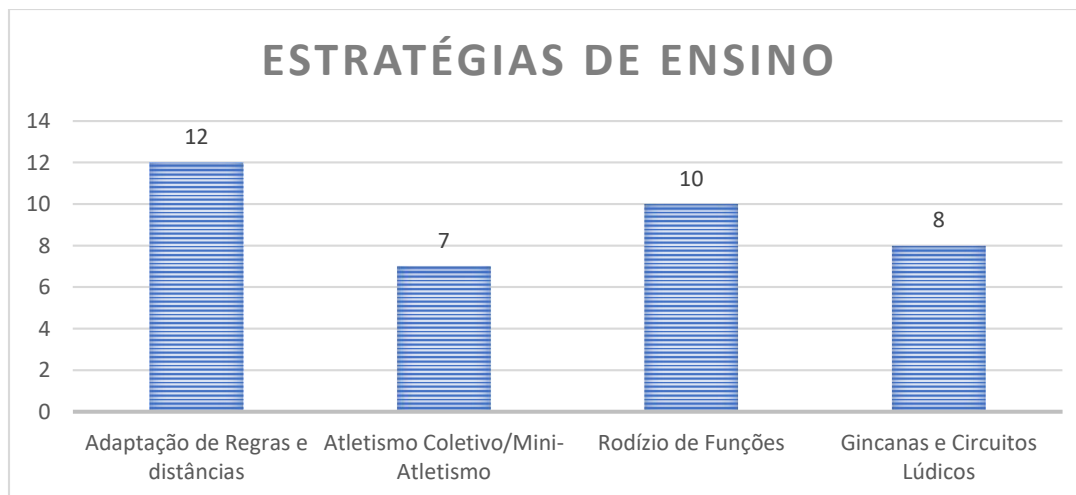


Fonte: Dados da Pesquisa (2026).

Esse formato se relaciona diretamente na receptividade e no interesse dos discentes (Questão 3). A amostra demonstra uma divisão importante: enquanto 37,5% ($n = 9$) relatam alta receptividade e adesão espontânea às escolinhas, 33,3% ($n = 8$) percebem um interesse moderado, limitado apenas à participação ativa nas aulas obrigatórias. A sazonalidade competitiva atinge a percepção de 20,8% ($n = 5$) dos professores, que notam aumento do interesse exclusivamente nas proximidades do JEMs. Por fim, 8,3% ($n = 2$) enfrentam baixa receptividade.

Para mediar esses desafios de interesse e garantir o engajamento, os professores foram indagados sobre a organização didática das aulas e o equilíbrio entre os métodos de ensino global e parcial (Questão 9). A estratégia predominante, adotada por 41,7% ($n = 10$) dos docentes, é o equilíbrio por faixa etária/série, priorizando o lúdico nas fases iniciais e o técnico nas avançadas. O método misto/progressivo é utilizado por 20,8% ($n = 5$), que abrem a aula de forma contextualizada (global) e isolam o movimento (parcial) para correções. A tecnicidade pura (predominantemente parcial) foi indicada por 25,0% ($n = 6$), ao passo que a ludicidade contínua (predominantemente global) foi a escolha de 12,5% ($n = 3$).

Figura 4: Estratégias utilizadas durante o ensino do atletismo.



Fonte: Dados da Pesquisa (2026).

Quando analisamos as estratégias utilizadas para garantir a inclusão e a participação de todos os alunos nas atividades de atletismo, indo além dos talentos esportivos (Questão 10). A "Adaptação de regras e distâncias" (modificação de marcas e pesos) foi a estratégia mais recorrente, citada por 12 professores. O "Rodízio de funções" (onde alunos atuam como árbitros, cronometristas ou auxiliares) pontuou com 10 menções, seguido de perto pelas "Gincanas e circuitos lúdicos" (8 citações) e, por fim, pelo modelo do "Atletismo coletivo/Mini-Atletismo da World Athletics", adotado por 7 profissionais.

Diante destas questões, precisamos ter também um entendimento de como os professores entendem sobre o que significa o "ensinar bem o atletismo" (Questão 8).

"Ensinar bem o atletismo vai além de transmitir técnicas de corridas saltos arremessos e lançamentos. É ensinar a modalidade de forma inclusiva e acessível para todos respeitando as limitações e o princípio de individualidade..." (Professor 2, Caxias).

"...o atletismo tem suas regras peculiares, que uma vez aplicadas de forma eficaz servirão não somente para formação do atleta, mas sim para a formação de cidadão com caráter e responsabilidade." (Professor 3, Guimarães).

“O ensinar bem é ir muito além que o ensino das técnicas da modalidade, mas ensinar que em cada vitória ou derrota há um aprendizado para toda a vida. Um aprendizado que possa moldar o caráter do aluno. ” (Professor 4, Imperatriz).

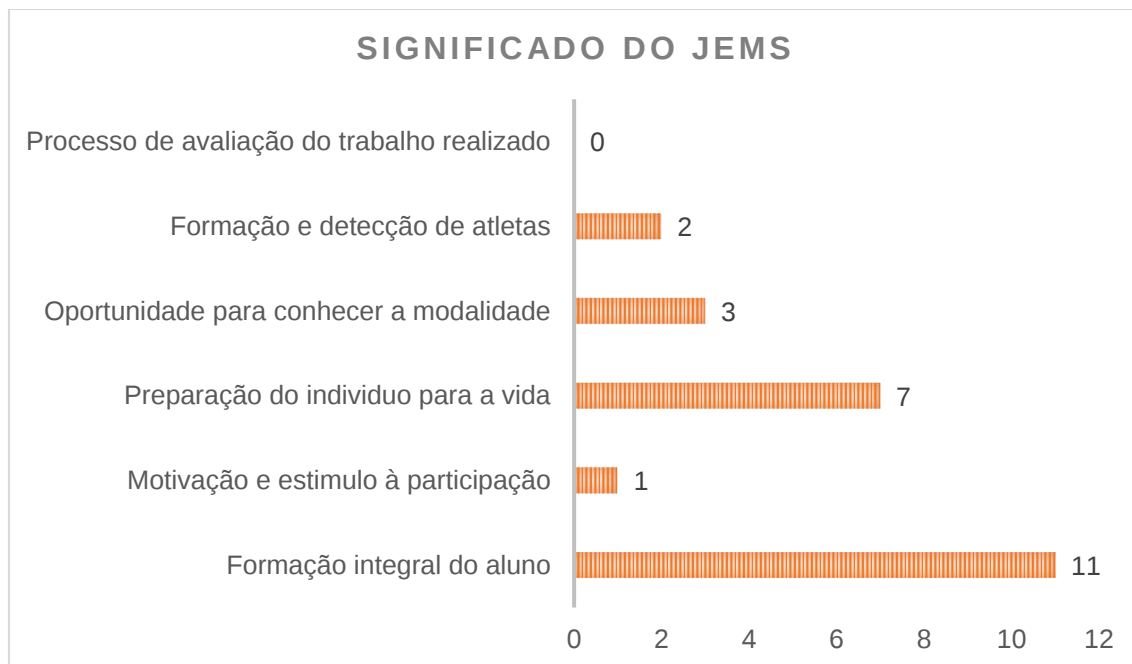
“Identifico o esporte como uma ferramenta essencial para estimular os jovens a buscarem um meio de ascensão. Seja ela financeira 'no futuro'; seja ela física 'momentânea'; mostrar que o esporte também é uma ferramenta de elevação social. ” (Professor 9, Guimarães).

“O slogan do nosso projeto é 'atletismo é vida o resto são detalhes!', que além de ser bom nas pistas tem que ser bom na escola, porque se não der certo como atleta, formaremos um cidadão de respeito às regras e leis. ” (Professor 24, Caxias).

Neste tópico, abordamos que o atletismo não se resume a um treino repetitivo de corrida conforme nos discursos da Questão 8 (notadamente os de Caxias e Guimarães), o ensinar 'mais que o atletismo' implica utilizar a vitória e a derrota na pista como simulações controladas dos desafios sociais da vida cotidiana, convertendo a Educação Física em um espaço de autônomo e de formação cidadã.

4.4: A DUALIDADE ESCOLA-RENDIMENTO, A SELEÇÃO E O JEMS

Ao olharmos para a dimensão competitiva do desporto escolar, a pesquisa buscou compreender a visão dos docentes sobre o real propósito dos Jogos Escolares Maranhenses (JEMs) e os métodos utilizados para selecionar os discentes que representam as instituições de ensino.

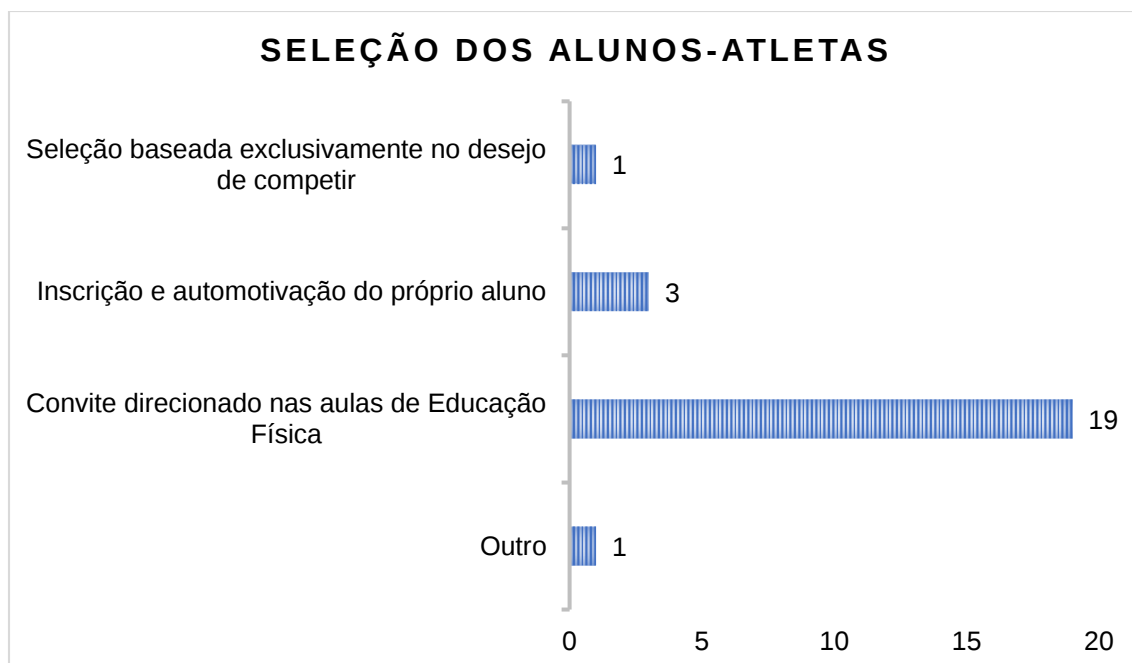
Figura 5: Significância do JEMs para professores da educação básica

Fonte: Dados da Pesquisa (2026).

Quando questionados sobre o principal significado e importância da participação dos alunos em eventos esportivos como o JEMs (Questão 13), a grande maioria dos professores rejeitou a visão puramente de rendimento do esporte. Conforme os dados consolidados, a "Formação integral do aluno" foi apontada como o principal formato por 45,8% ($n = 11$) da amostra, seguida de perto pela "Preparação do indivíduo para a vida", com 29,2% ($n = 7$). A vertente de "Oportunidade para conhecer a modalidade esportiva" obteve 12,5% ($n = 3$), enquanto a resposta focada na "Formação e detecção de atletas" representou apenas 8,3% ($n = 2$) dos votos. Por fim, o fator "Motivação e estímulo à participação" pontuou com 4,2% ($n = 1$).

Ao serem indagados sobre o procedimento utilizado para selecionar os alunos que representarão a escola nas competições (Questão 14), observou-se uma centralidade técnico-física nas respostas.

Figura 6: Procedimentos utilizados para seleção de alunos para o JEMs



Fonte: Dados da Pesquisa (2026).

O critério de "Convite direcionado, a partir das capacidades físicas e técnicas observadas nas aulas regulares" foi a escolha hegemônica, adotada por 79,2% ($n = 19$) dos respondentes. Em contrapartida, as abordagens mais democráticas e horizontais foram minoritárias: a "Inscrição por livre interesse e automotivação do próprio aluno" registrou 12,5% ($n = 3$), ao passo que as opções baseadas em um "Misto de observação e provocação de alunos sem habilidades" e "Apenas nos que manifestam o desejo de competir" obtiveram, cada uma, 4,2% ($n = 1$) de adesão.

Ao analisar os relatos dos docentes acerca das ações da gestão escolar e do município na colaboração com o atletismo (Questão 7), identificou-se um cenário fragmentado. O suporte recebido pelos profissionais não é homogêneo e varia drasticamente a depender do município e da rede de ensino.

Alguns professores relatam um cenário onde há um alinhamento positivo entre a escola e o poder público municipal. Cidades com políticas voltadas ao desporto escolar permanente ou que implementaram escolinhas de contraturno foram citadas como referências de suporte robusto, fornecendo materiais e logística de qualidade.

“Em Imperatriz tem um projeto que atende várias escolas da rede municipal [...] Como o prefeito é professor de Educação Física temos total apoio da Secretária de Educação para treinamento e realização de eventos do desporto escolar.” (Professor 4, Imperatriz).

“A escola tem dado apoio na compra de material esportivo e o município criou uma escolinha para a modalidade de atletismo.” (Professor 10, Tuntum).

“O Município ajuda bastante pois disponibilizam alguns materiais e espaço de qualidade no estádio para as práticas e projetos...” (Professor 18, Timon).

Muitos dos professores revelam que a direção e coordenação da escola costumam apoiar o professor no dia a dia da melhor forma que podem. Contudo, as Secretarias de Educação e Esporte do município ou do Estado são criticadas por adotarem um suporte estrito e sazonal, que só aparece no período das competições oficiais.

“A gestão da escola me dá total apoio, ajuda até comprar material, já em relação a gestão municipal só dá apoio no período dos jogos escolares.” (Professor 3, Guimarães).

“Na escola tenho grande apoio da direção, porém pouco incentivo da gestão municipal.” (Professor 11, Urbano Santos).

“...ficou muito difícil para a aquisição dos implementos adquiridos pela instituição pela burocracia que é adquirir de firma de licitação, a alternativa que busquei foi buscar parceiros para doação e até empréstimo...” (Professor 22, São Luís).

“Têm uma ação mais direta nos períodos dos jogos escolares, com as preparações para as seletivas.” (Professor 13, Humberto de Campos).

Por fim, uma parcela dos profissionais relata o oposto da primeira categoria: um sentimento de desamparo quase total, onde a sobrevivência do esporte depende exclusivamente do voluntarismo e da dedicação individual do professor de Educação Física.

“Educação física escolar quase que abandonado pelos gestores de maneira geral, cabe ao professor ter determinação, dedicação para realizar as ações.” (Professor 7, Cururupu).

“Não há ajuda por parte do poder público, somente da escola privada que o apoio é maciço.” (Professor 24, Caxias).

Não temos muito apoio.” (Professor 20, Presidente Dutra).

O discurso pedagógico e a prática para a seleção refletem a pressão que o próprio sistema dos jogos escolares exerce sobre o profissional. Embora o professor enxergue o JEMs como um espaço formador, a estrutura do torneio exige dele resultados mínimos, empurrando-o a reproduzir o modelo meritocrático de garimpo de talentos em detrimento da livre inscrição dos alunos.

O caso destacado de Imperatriz ilustra perfeitamente que, quando a liderança do executivo municipal compreende a Educação Física como área de conhecimento essencial, tudo fica mais fácil. Por outro lado, a predominância de um apoio centrado apenas na sazonalidade dos Jogos Escolares (como observado em Guimarães e Humberto de Campos) reduz o atletismo a um produto de vitrine competitiva, negligenciando seu papel pedagógico continuado nas aulas regulares.

Ao serem instigados a refletir sobre a atuação conjunta entre os papéis de "professor" e de "treinador" no contexto do atletismo (Questão 11), os participantes trouxeram reflexões profundas sobre a identidade do profissional de Educação Física.

A maior parte dos docentes defende que as funções não se anulam, mas se complementam na busca pela formação integral do estudante. Para este grupo, o olhar pedagógico do professor (focado em valores e cidadania) se une

perfeitamente à busca do treinador pelo aperfeiçoamento técnico e superação de limites.

“O professor e o treinador quando trabalham de maneira integrada, contribuem de maneira eficiente para formação integral do estudante. O professor busca desenvolver o aspecto cognitivo do aluno, valores, senso crítico, inclusão... já o treinador possui um olhar mais voltado para o rendimento, aperfeiçoamento técnico...” (Professor 3, Guimarães).

Quando esses papéis atuam de maneira articulada, o processo educativo se torna mais significativo, pois alia a formação humana ao desenvolvimento das habilidades específicas dos alunos. ” (Professor 10, Tuntum).

“Na escola, o professor pode assumir algumas características do treinador ao ensinar fundamentos, estratégias e regras, mas sem deixar que a busca por desempenho substitua o caráter educativo. ” (Professor 18, Timon).

Outra parcela expressiva dos professores argumenta que, embora ambos os papéis coexistam no mesmo profissional, eles precisam ocorrer em momentos e espaços totalmente separados — geralmente divididos entre a aula regular e as escolinhas de contraturno, alterando inclusive o nível de exigência.

“Equilibrar a relação professor/treinador, sendo professor para a turma toda e treinador para os que se dedicam à prática da modalidade no contraturno” (Professor 5, Codó).

“Tem um pouco de diferença, o professor busca a participação de todos o treinador busca uma qualidade de cada estudante voltada para o esporte de alto rendimento. ” (Professor 19, Cururupu).

“No papel de treinador, mudamos um pouco o comportamento pois buscamos resultados e a exigência e cobrança é maior” (Professor 22, São Luís).

Outros professores destacam a recusa do rótulo de treinador, seja por trabalharem com faixas etárias iniciais ou devido a limitações de carga horária nas escolas que impedem o desenvolvimento do treinamento.

“Como estou trabalhando com crianças do ensino fundamental, geralmente não adoto o papel de treinador e foco na vivência prazerosa do esporte [...] visto que meu contato com os alunos ocorre apenas nas aulas de Educação Física (duas aulas de 50 minutos por semana)” (Professor 15, São Luís).

“Não me vejo como treinador, posso dizer que ao observar um atleta que tem bom desempenho no atletismo, motivo-o a seguir em frente e ajudo no que for necessário...” (Professor 20, Presidente Dutra).

“Nunca andam juntas, infelizmente as escolas estão preocupadas que o professor esteja dentro da sala de aula” (Professor 16, Paço do Lumiar).

Ao observar as falas dos professores verifica-se que a amostra demonstra uma maturidade pedagógica notável ao defender que a postura de 'treinador' deve se restringir ao espaço opcional e planejado do contraturno esportivo, preservando a aula regular.

Ao serem questionados sobre o uso de práticas puramente voltadas ao rendimento e ao treinamento de alto desempenho no ambiente escolar (Questão 12), os docentes manifestaram, predominantemente, um posicionamento crítico e de forte rejeição a essa abordagem dentro das aulas regulares. A grande maioria dos participantes enfatizou que a escola possui um papel formativo e que o foco na performance destrói o caráter lúdico e afasta os alunos que não possuem habilidades natas para o esporte, gerando uma seleção excludente que invisibiliza os demais estudantes.

“A principal função das aulas de Educação Física escolar não é formar atleta, mas sim facilitar aos alunos a vivenciar as modalidades esportivas. Quando o profissional faz da sua aula treinamentos de rendimento, ele está deixando de lado a vivência de forma prazerosa [...] e a inclusão daqueles que não dispõem de habilidades...” (Professor 3, Guimarães).

“Quando as práticas são centradas apenas na performance, há o risco de excluir alunos com menor habilidade, reduzir as oportunidades de participação e enfraquecer o caráter educativo da disciplina.” (Professor 10, Tuntum).

“Não concordo. Inicialmente são pessoas em formação escolar e não mini atletas.” (Professor 11, Urbano Santos).

“Na minha visão de mundo isso enfraquece a visão do professor como um educador e joga o aluno sobre uma pressão precoce que invisibiliza os alunos com 'menos talento esportivo'” (Professor 15, São Luís).

“A escola não é centro esportivo de alto rendimento” (Professor 5, Codó).

Por outro lado, alguns docentes ponderaram que a busca pelo rendimento e pela evolução técnica é legítima, desde que não ocorra na aula regular da turma. Eles defendem que essa prática deve ficar restrita a projetos específicos de contraturno, idealmente conduzidos por profissionais contratados para a função de técnicos, ou voltada estritamente aos discentes que manifestam o desejo de competir.

“Se na escola tem o professor e o técnico de atletismo acho válido, mas se só existe o professor de educação física não concordo com essa prática” (Professor 2, Caxias).

“Depende, se são professores regulares discordo, se são contratados para a específica função tranquilo.” (Professor 12, São Luís).

“...o esporte de rendimento tem que ser aplicado para os alunos que desejam praticar uma modalidade específica. No ambiente escolar o aluno tem que vivenciar e conhecer muitas variedades de esportes [...] para que possa escolher...” (Professor 6, São Mateus do Maranhão).

“No meu caso somente os atletas que se destacam eu coloco para treinamento de alto rendimento” (Professor 24, Caxias).

A forte rejeição da amostra às práticas de rendimento puro nas aulas regulares (Questão 12) evidencia um alinhamento crítico dos professores maranhenses. Como bem pontuado nos discursos de Urbano Santos e São Luís, transpor mecanicamente o modelo do esporte de alto rendimento para o ambiente escolar gera o fenômeno da 'esportivização' das aulas, deturpando o componente curricular ao transformá-lo em um processo de seleção de talentos. Essa lógica tecnicista ignora as fases de desenvolvimento motor e joga sobre crianças e adolescentes uma cobrança exacerbada de curto prazo (conforme alertado pelo Professor 14).

Ao fechar o ciclo de questionamentos, os docentes foram instigados a propor, com base em suas vivências práticas e nos desafios específicos do Estado do Maranhão, as melhores estratégias para a descoberta de novos talentos no atletismo escolar (Questão 15).

A primeira grande estratégia sugerida é a quebra da dependência exclusiva do JEMs, que ocorre apenas uma vez por ano. Os professores propõem um calendário competitivo contínuo, focado em festivais internos, jogos interclasses e circuitos itinerantes que estimulem os alunos ao longo de todo o ano letivo.

“A realização de festivais interclasses e interescolares da modalidade tem sido muito eficazes na detecção de talentos no atletismo.” (Professor 4, Imperatriz).

“...desenvolver outras competições ou festivais com incentivos de premiações que não sejam apenas medalhas ou troféus, mas prêmios [...] que os alunos possam se sentir atraídos em competir. ” (Professor 3, Guimarães).

“O atletismo não possui competições durante o ano, deveria haver essas competições para incentivar a participação maior...” (Professor 16, Paço do Lumiar).

“Criação dos jogos abertos do interior no ano todo e criar o ATLETISMO itinerante levando o esporte aonde normalmente não se vai.” (Professor 24, Caxias).

O segundo pilar aborda a necessidade de massificar a modalidade desde as séries iniciais (Ensino Fundamental I), usando o lúdico e o "mini-atletismo" para cativar os estudantes antes de introduzir a cobrança técnica severa, estendendo essa vivência para escolinhas comunitárias e polos regionais.

“...proporcionar o primeiro contato com o conteúdo de esportes de marca desde as séries iniciais e finais, utilizando brincadeiras lúdicas e atrativas nas aulas de Educação Física. Além disso, a realização de festivais e mini atletismo é fundamental...” (Professor 8, São Luís).

“Trabalho de base, desde o fundamental menor, aproveitando as brincadeiras, incentivando mais jogos lúdicos e direcionando, desde cedo, de acordo com as habilidades observadas. ” (Professor 13, Humberto de Campos).

“Criar polos de treinamento em regiões diversas do Maranhão, e formação continuada para os professores. ” (Professor 11, Urbano Santos).

“No estado do Maranhão não existe projetos de massificação esportiva [...] Se os órgãos competentes que fomentam o

esporte tivessem as escolinhas esportivas, eu acho que os talentos iriam ser descobertos...” (Professor 22, São Luís).

Por fim, os participantes reforçam que nenhuma estratégia de detecção prosperará se o Estado não sanar os problemas estruturais básicos e não investir na formação dos professores e gestores para atuar com a modalidade de forma qualificada.

“Investir na formação dos profissionais, capacitando-os para o ensino da modalidade e investir na estrutura precária do Estado quanto ao que se diz respeito a locais adequados...” (Professor 5, Codó).

“Primeiro a capacitação constante dos nossos docentes de educação física e dos nossos gestores escolares [...] Também, o fornecimento de melhores estruturas em todas as esferas. ” (Professor 9, Guimarães).

“Na minha opinião, a estrutura no nosso estado é de péssima qualidade isso acaba afetando a busca de atletas de alto rendimento. Pois constantemente vivemos no improviso. ” (Professor 19, Cururupu).

As propostas apresentadas na Questão 15 oferecem um norte claro para a reestruturação do atletismo escolar maranhense, alinhando-se com os modelos internacionais de sucesso na iniciação esportiva, como o programa Mini-Athletics da World Athletics (citado de forma prática pelo Professor 8). A amostra deixa evidente que a descoberta de talentos não pode depender de um 'garimpo casual' no JEMs, mas sim de um processo sistêmico de massificação lúdica na base.

5. CONCLUSÃO

A realização deste estudo permitiu analisar de perto como funciona o processo de ensino-aprendizagem do atletismo nas escolas de ensino fundamental do Maranhão que participam dos Jogos Escolares Maranhenses (JEMs). A partir dos dados coletados com os 24 professores da rede, foi possível compreender que o atletismo na escola vive uma realidade de resistência pedagógica, onde os professores precisam se equilibrar constantemente entre os objetivos educativos das aulas e o clima competitivo dos jogos.

No que diz respeito ao processo de implantação da modalidade, o estudo revelou um dado positivo: metade dos professores insere o atletismo por meio das aulas regulares de Educação Física, respeitando o esporte como um direito universal de aprendizagem. Contudo, a presença de respostas que vinculam o início da modalidade estritamente a seletivas para os JEMs acende um alerta sobre o risco da especialização precoce e da exclusão dos alunos menos habilidosos logo no primeiro contato com o esporte.

Sobre a infraestrutura e os materiais didáticos, a pesquisa desenhou um cenário de extrema escassez nas instituições maranhenses. A grande maioria das escolas não possui nenhum tipo de implemento oficial, e os espaços físicos disponíveis são severamente limitados ou inexistentes, obrigando os docentes a utilizarem espaços públicos como praças, ruas, avenidas e praias para conseguir treinar os seus alunos. Diante disso, destaca-se o papel ativo da criatividade desses profissionais, que recorrem à confecção de materiais alternativos (como o uso de garrafas PET e cabos de vassoura) e à adaptação de espaços para garantir o direito de vivência da cultura corporal de movimento.

Quanto às práticas docentes que favorecem a inclusão, observou-se que estratégias como a modificação de regras, o rodízio de funções e o uso de circuitos lúdicos e gincanas são as principais ferramentas para trazer os alunos para o protagonismo, indo muito além da busca por talentos. O modelo do Miniatletismo também surge como uma alternativa pedagógica viável para diminuir a cobrança individual e fortalecer o trabalho coletivo dentro do ambiente escolar.

Por fim, conclui-se que o maior desafio para a consolidação do atletismo escolar no Maranhão reside na superação da barreira cultural da monocultura do

futebol/futsal e no esvaziamento do interesse dos estudantes após o término do período competitivo dos JEMs. Para que o atletismo se firme de verdade como um esporte educacional e emancipatório, faz-se urgente que os gestores escolares e as políticas públicas ofereçam maior aporte financeiro e estrutural para as escolas, permitindo que a modalidade seja sustentada ao longo de todo o ano letivo e não dependa exclusivamente do esforço voluntário e isolado do professor de Educação Física.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 6 jul. 2026.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. (Lei Pelé). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 mar. 1998.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Diretrizes para o Sistema Nacional do Esporte**. Brasília, DF: Ministério do Esporte, 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/esporte/pt-br/composicao/orgao-colegiado-/5.pdf/@@display-file/file>. Acesso em: 25 maio 2026.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL (COB). **Jogos da Juventude**: regulamento geral e diretrizes técnicas. Rio de Janeiro: COB, 2024. Disponível em: <https://www.cob.org.br>. Acesso em: 6 jul. 2026.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL (COB). **Sobre o COB**. Rio de Janeiro: COB, 2026. Disponível em: <https://www.cob.org.br/institucional/sobre-cob>. Acesso em: 25 maio 2026.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO (CBAt). **Regras de Competição e Regras Técnicas da World Athletics**. Bragança Paulista: CBAt, 2022. Disponível em: https://www.cbata.org.br/repositorio/cbata/documentos_oficiais/regras/regrascompeticaoeregrastecnicas2022.pdf. Acesso em: 4 jul. 2026.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS ESCOLARES (CBDE). **Estatuto e diretrizes do desporto escolar nacional**. Brasília, DF: CBDE, 2021. Disponível em: <https://www.cbde.org.br>. Acesso em: 6 jul. 2026.

COSTA, A.A.; MOURA, D. L.. Atletismo na escola: alternativas e possibilidades de ensino. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 12, p. 47-59, mar. 2021.

DARIDO, S.C.. Os conteúdos da Educação Física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. **Perspectivas em Educação Física Escolar**, Niterói, v. 2, n. 1 (suplemento), 2001a. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/70073429/Os-Conteudos-Da-Educacao-Fisica-Escolar-Influencias-Tendencias-Dificuldades-e-Possibilidades>. Acesso em: 30 jun. 2026.

DARIDO, S.C.. Os conteúdos da Educação Física escolar: influências, tendências e dificuldades. **Interações**, Santos, v. 6, n. 11, p. 5-25, 2001b.

GEMENTE, F.A.; MATTHIESEN, S.Q.. O atletismo em projetos socioeducativos: possibilidades e desafios pedagógicos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 51, p. 240-256, jun. 2017a.

GEMENTE, F.A.; MATTHIESEN, S.Q.. Formação continuada de professores: construindo possibilidades para o ensino do atletismo na Educação Física escolar. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 65, p. 243-258, jul./set. 2017b. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.49226>.

LIMA, W.A. Gestão Esportiva Escolar: o caso da Confederação Brasileira de Desporto Escolar – CBDE. **Revista Intercontinental de Gestão Esportiva**, v. 10, e10019, 2020.

LUGUETTI, C.N. **Práticas esportivas escolares no ensino fundamental no município de Santos-SP**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos do Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo,

2010. DOI: 10.11606/D.39.2010.tde-18082010-172722. Acesso em: 19 mar. 2026.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação. **Documento Curricular Territorial do Maranhão: Ensino Médio**. São Luís: SEDUC, 2023. Disponível em: <https://www.educacao.ma.gov.br>. Acesso em: 4 jul. 2026.

MATTHIESEN, S.Q.; CALVO, A.P.; SILVA, A.C.; FAGANELLO, F.R. Atletismo se aprende na escola. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 10, n. 80, jan. 2005. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/>. Acesso em: 5 jul. 2026.

MIRANDA, R.. **Motivação e esporte: uma abordagem pedagógica**. Rio de Janeiro: Editora Progressiva, 2012.

NASCIMENTO, L.C.; TRIANI, F. Princípios Didáticos-Pedagógicos como possibilidade metodológica para o ensino do atletismo. **Biomotriz**, v. 14, n. 3, p. 82–90, 2020. DOI: 10.33053/biomotriz.v14i3.274. Disponível em: <https://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/biomotriz/article/view/274>. Acesso em: 3 abr. 2026.

NETO, F.A.; PIMENTEL, G.G.A.. O atletismo escolar na perspectiva da cultura corporal de movimento. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, DF, v. 19, n. 2, p. 88-99, 2011.

NETTO, R.S.; PIMENTEL, G.G.A.. **O ensino do atletismo nas aulas de Educação Física**. Curitiba: SEED/PR, 2009. Disponível em: <https://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/804-4.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2026.

NEUENFELDT, D.J.; KLEIN, J.L.. Jogos escolares e Educação Física Escolar: investigando esta (des)articulação. **Revista Thema**, v. 17, n. 1, p. 151-171, 2020.

NOGUEIRA, Q.W.C.. Esporte educacional: entre rendimento e participação. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 12-26, ago. 2014. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/remef/article/view/3372>. Acesso em: 6 jul. 2026.

NOGUEIRA, Q.W.C.; MENDONÇA, J.P.J.. Análise comparativa dos conceitos esporte educacional e esporte da escola. **Cadernos Brasileiros de Educação Física, Esporte e Lazer**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/CEFEL/article/view/4266>. Acesso em: 6 jul. 2026.

NUNES, A.C.; CARTIER, M.T.. A prática pedagógica da Educação Física escolar: do tecnicismo à busca pela totalidade do aluno. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 2, p. 15-28, set. 2010.

NUNES, C.C.; CARTIER, E. O processo de ensino aprendizagem na educação física escolar. **FIEP Bulletin**, v. 80, Special Edition, Article I, 2010. Disponível em: <https://ojs.fiepbulletin.net/fiepbulletin/article/view/950/1835>.

RAMOS, A.M.; NEVES, R.L.R.. A iniciação esportiva e a especialização precoce à luz da teoria da complexidade – notas introdutórias. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 1–8, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/1786>. Acesso em: 5 jul. 2026.

SAWITZKI, R.L. **Esporte escola**: aspectos pedagógicos e formação humana. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007. Disponível em: <https://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2069?show=full>.

TRIANI, F.S.; BARROS, G.S.; PUGGIAN, C.; NOVIKOFF, C. Dimensões sociais do esporte: o currículo escolar em perspectiva. **FIEP Bulletin On-line**, v. 86, p. 1-7, 2016.

TRIVIÑOS, A.N.S.. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUBINO, M.J.G.. **Dimensões sociais do esporte**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

WORLD ATHLETICS. **Book of Rules**: Competition and Technical Rules. Monaco: World Athletics, 2021. Disponível em: <https://worldathletics.org/about-iaaf/documents/book-of-rules>. Acesso em: 3 jul. 2026.

Apêndice 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), do projeto de pesquisa intitulado "Processo de ensino e aprendizagem do atletismo em escolas participantes de competições escolares", sob a responsabilidade da pesquisadora Bruna Silva Costa, sob orientação do Prof. Dr. Alex Fabiano Santos Bezerra.

Abaixo, você encontrará as informações necessárias sobre a sua participação neste estudo:

1. Objetivo do Estudo

O estudo se destina a analisar o processo de ensino-aprendizagem do atletismo em escolas de ensino fundamental do Estado do Maranhão que participam dos Jogos Escolares Maranhenses (JEMs). Para isso, buscamos identificar como a modalidade é implantada, de que forma as práticas docentes promovem a inclusão dos alunos e como professores e treinadores organizam essa dinâmica esportiva e pedagógica.

2. Justificativa e Importância

A importância deste estudo está em compreender a realidade da Educação Física escolar e do esporte de base no Maranhão. Os resultados que se desejam alcançar buscam fomentar a reflexão sobre as práticas pedagógicas e docentes, auxiliando na superação de dificuldades estruturais e no fortalecimento de estratégias que garantam o direito de todos os alunos vivenciarem o atletismo de forma inclusiva e integrada.

3. Procedimentos

Caso você aceite participar, será submetido (a) a uma entrevista através de questionário com perguntas sobre sua identificação profissional, formação,

histórico com a modalidade e percepções sobre o ensino do atletismo na escola. O tempo estimado para a resposta é de aproximadamente 10 minutos.

4. Riscos e Benefícios

- Riscos: Os riscos desta pesquisa são considerados mínimos, podendo haver apenas um eventual desconforto ou cansaço ao responder às perguntas.
-
- Benefícios: Não haverá benefício financeiro direto. No entanto, sua participação contribuirá para a produção de conhecimento científico sobre o atletismo escolar na região, podendo subsidiar futuras melhorias nas políticas públicas de esporte e educação no Estado.
-

5. Sigilo e Confidencialidade

Garante-se o sigilo absoluto das suas informações pessoais. Seu nome e seus dados não serão expostos em nenhum momento da divulgação dos resultados, sendo utilizados apenas dados genéricos ou pseudônimos para fins estritamente acadêmicos e de publicação científica.

6. Voluntariedade e Direito de Recusa

A sua participação é totalmente voluntária. Você tem o direito de recusar-se a participar ou de retirar o seu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a coleta de dados, sem que isso lhe traga qualquer tipo de penalidade, prejuízo ou dano junto à pesquisadora ou à instituição de ensino.

7. Contatos

Se você tiver qualquer dúvida sobre o projeto ou sobre os seus direitos como participante, pode entrar em contato com:

- Pesquisadora: Bruna Silva Costa – Telefone: (98) 98205-1767.

- Comitê de Ética em Pesquisa: Avenida dos Portugueses, 1966, Vila Bacanga, Prédio CEB Velho, em frente ao Auditório Sérgio Ferretti, CEP: 65080805 – São Luís, MA – Brasil, na Cidade: São Luís/MA e CEP: 65020070. Telefone: (98) 2109-1250.

-

Você consente participar da pesquisa?

Eu, _____,
declaro que li (ou ouvir a leitura de) este termo, compreendi os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios da pesquisa, e concordo voluntariamente em participar deste estudo. Fiquei ciente de que receberei uma cópia assinada deste documento.

Apêndice 2: Roteiro de Entrevista endereçada aos informantes do estudo

Pesquisa: Processo de ensino e aprendizagem do atletismo em escolas
participantes de competições escolares

Nome: _____

Idade: _____

Você trabalha em que tipo de escola?

() Pública

() Privada

() Pública/Privada

Qual o seu município? _____

Qual a sua graduação?

() Educação física plena

() Educação física bacharelado

() Educação física licenciatura

() Outro

Qual o seu ano de graduação? _____

Você tem pós-graduação? Se sim, qual? _____

Qual edição dos Jogos Escolares Maranhenses (JEMs) você participou?

(Selecione todas as que se aplicam)

() Período pré/pós pandemia (2019, 2020, 2021)

() Período (2022, 2023, 2024)

() Somente 2025

() Outro

1° Como se deu o processo de implantação do ensino do atletismo nesta escola?

- ☐ NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA (iniciou-se como conteúdo curricular obrigatório nas aulas regulares)
- ☐ POR MEIO DE ESCOLINHAS DE ESPORTES (foi implantado como atividade extracurricular/projeto de contraturno para alunos interessados)
- ☐ ATRAVÉS DE FESTIVAIS E EVENTOS (surgiu a partir da organização de festivais internos, gincanas ou semanas esportivas)
- ☐ POR MEIO DE SELETIVAS COMPETITIVAS (começou diretamente com a realização de seletivas para identificar talentos e formar equipes para competições como o JEMS)
- ☐ ATRAVÉS DE UM MODELO HÍBRIDO (ocorreu de forma integrada - identificando nas aulas de Educação Física e direcionando para escolinhas/seletivas)

2° Como a modalidade se relaciona com as aulas regulares de Educação Física?

- ☐ O atletismo acontece na AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA com foco recreativo e na ESCOLINHA DE CONTRATURNO com foco em competições/seletivas.
- ☐ O atletismo é ensinado na AULA REGULAR, e o CONTRATURNO é usado apenas em período de seletivas para os JEMs.
- ☐ Não há atividades no contraturno; todo o conteúdo de atletismo (inclusive preparação para festivais) se restringe às AULAS REGULARES.
- ☐ Não há atletismo nas aulas regulares; a modalidade existe exclusivamente para quem frequenta o CONTRATURNO.

3° Como tem sido a receptividade e o interesse dos alunos em relação ao conteúdo do atletismo nas aulas de Educação Física?

- ☐ ALTA RECEPTIVIDADE E ADEÇÃO: Os alunos demonstram grande interesse nas aulas e muitos buscam as escolinhas/festivais no contraturno.
- ☐ INTERESSE MODERADO/RESTRITO ÀS AULAS: Os alunos participam ativamente das aulas regulares, mas poucos demonstram interesse em dar continuidade no contraturno.
- ☐ RECEPTIVIDADE SAZONAL: O interesse aumenta significativamente

apenas em períodos próximos a festivais escolares ou seletivas (como os JEMs).

() BAIXA RECEPTIVIDADE: Os alunos demonstram resistência ou desinteresse pelo conteúdo, preferindo outras modalidades tradicionais (como o futsal).

4° Descreva sobre o espaço físico disponível na escola para a aplicação do atletismo em sua escola. Quais adaptações no espaço você realizou para propiciar suas atividades?

5. Quanto à infraestrutura e materiais didáticos para o ensino do atletismo na escola:

a) Qual é a realidade da escola em relação aos materiais oficiais ou específicos da modalidade?

() A escola possui materiais oficiais/específicos suficientes para atender às turmas.

() A escola possui materiais oficiais, mas em quantidade insuficiente para o total de alunos.

() A escola não possui nenhum material oficial ou específico para o atletismo.

b) Diante da realidade de materiais da escola, você realiza a adaptação de implementos ou a confecção de materiais alternativos?

() Sim, realizo frequentemente a confecção/adaptação de materiais para viabilizar as aulas.

() Sim, realizo apenas esporadicamente para conteúdos muito específicos (ex: saltos ou lançamentos).

() Não vejo necessidade de adaptar, pois os materiais existentes atendem à demanda.

() Não realizo adaptações devido à falta de tempo, recursos ou espaço adequado.

c) Se você realiza a confecção de materiais alternativos, qual é o nível de participação dos alunos nesse processo?

() Participação ativa: Os alunos auxiliam diretamente no planejamento e na confecção dos materiais (reutilizando garrafas PET, cabos de vassoura, jornais, etc.).

() Participação passiva: Os alunos apenas interagem com o material já confeccionado pelo professor durante as dinâmicas da aula.

() Os alunos não participam do processo de confecção, apenas utilizam o material pronto.

() Não se aplica (não realizo confecção de materiais).

() Eu quem faço todos/grande parte dos materiais utilizados nas práticas

6° Quais são as principais dificuldades e os maiores enfrentamentos para implantar e manter o atletismo em sua escola?

7° Comente sobre as ações da gestão da sua escola e do seu município na colaboração para o seu trabalho com o atletismo?

8° Qual o seu entendimento do "ensinar bem o atletismo" e como é possível ir além da técnica (ensinar "mais que o atletismo")?

9° Na organização das suas aulas, como você costuma equilibrar os métodos de ensino global (aprender brincando/praticando o todo) e parcial (treinar partes do movimento separadamente de forma específica)?

() PRESOMINANTEMENTE GLOBAL: Priorizo jogos, brincadeiras e a execução do movimento completo; o refinamento técnico das partes fica em segundo plano.

() PREDOMINANTEMENTE PARCIAL: Priorizo a repetição de educativos e o treino isolado de cada fase do movimento (exemplo: fases da corrida ou do salto) antes de juntá-los.

() EQUILIBRADO POR FAIXA ETÁRIA/SÉRIE: Utilizo o método global (lúdico) com as turmas mais jovens e o método parcial (técnico/específico) com as turmas mais avançadas.

() MISTO/PROGRESSIVO: Início a aula com o método global para motivar e contextualizar, e depois isolo as partes (método parcial) para corrigir os movimentos.

10. Quais estratégias de ensino você utiliza para garantir a inclusão e a participação de todos os alunos nas atividades de atletismo, evitando focar apenas nos talentos esportivos? (Selecione todas as que se aplicam)

- ☐ ADAPTAÇÃO DE REGRAS E DISTÂNCIAS: Modificação de marcas, alturas de barreiras e pesos de implementos para que cada aluno jogue dentro de seu limite atual.
- ☐ ATLETISMO COLETIVO/MINI-ATLETISMO: Uso de dinâmicas baseadas no modelo da World Athletics, onde o resultado final depende da soma dos pontos da equipe e não do desempenho individual.
- ☐ RODÍZIO DE FUNÇÕES: Organização da aula para que os alunos também atuem como árbitros, cronometristas, auxiliares de organização ou técnicos, mantendo todos engajados.
- ☐ GINCANAS E CIRCUITOS LÚDICOS: Substituição do formato de competição tradicional por circuitos de habilidades baseados em tempo ou cooperação.

11° No contexto escolar, como você enxerga a dualidade ou a atuação conjunta do papel de "professor" e do papel de "treinador"?

12° Em alguns cenários escolares, observa-se profissionais que utilizam práticas puramente de rendimento/treinamento no ambiente escolar. Comente.

13° Na sua opinião, qual é o PRINCIPAL significado e importância da participação dos alunos em eventos esportivos como os Jogos Escolares Maranhenses (JEMs)?

- ☐ Formação integral do aluno
- ☐ Motivação e estímulo à participação
- ☐ Preparação do indivíduo para a vida
- ☐ Oportunidade para conhecer a modalidade esportiva
- ☐ Formação e detecção de atletas
- ☐ Processo de avaliação do trabalho realizado

14° Qual procedimento você utiliza para selecionar os alunos que irão representar a escola nas competições/jogos escolares?

- () Seleção baseada exclusivamente nos alunos que manifestam o desejo de competir
- () Convite direcionado, a partir das capacidades físicas e técnicas observadas nas aulas regulares de Educação Física
- () Inscrição por livre interesse e automotivação do próprio aluno

15° Com base na sua experiência prática e nos desafios do Estado do Maranhão, quais seriam as melhores estratégias para descobrir novos talentos no atletismo escolar?